



(Registrado no D.N.I.)



Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDATORES:

Redator - Chefe : MAURÍCIO FANG
Secretário : WALTER BELDA
Tesoureiro : ERNESTO LIMA GONÇALVES

Diretor - LAERTES FERRÃO

Ano XIV

SÃO PAULO - SETEMBRO DE 1946

Núm. 47

Uma nova frente de luta contra

Tuberculose e a tuberculose Na vanguarda de luta...

Dr. Hermelindo H. Gusmão

O problema da Tuberculose, sem dúvida alguma o mais sério e tremendo mal que avassala o homem brasileiro na sua idade mais produtiva, entrou na ordem do dia em escala de projeção nunca atingida anteriormente, graças à notável ação do Prof. Raphael de Paula Souza, catedrático de Tisiologia da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, agora à testa do Serviço Nacional de Tuberculose. Com o entusiástico apoio que recebeu do Ministro Prof. Ernesto de Souza Campos, aquele ilustre tisiologista paulista está empreendendo uma ampla "Campanha Nacional Contra a Tuberculose" a primeira que se organiza tendo como campo de ação todo o território nacional e sob o patrocínio direto do Presidente da República.

Para que se avalie em termos esquemáticos a extensão do problema, basta dizer que morrem anualmente 80 mil tuberculosos no Brasil, ficando doentes a fabulosa cifra de 800.000 pessoas! Para este formidável acervo de doentes, o Brasil conta com a míngua aparelhagem de pouco mais de 10.000 leitos e de apenas 70 dispensários! Não é necessário acrescentar mais, para que se conclua que os termos do problema assumem o caráter de calamidade pública!

Na notável conferência que pronunciou recentemente em São Paulo, o Diretor do Serviço Nacional de Tuberculose frizou bem que nada poderá ser obtido sem a colaboração integral de todos os grupos sociais.

E' aí, então, que chega a vez do estudante de medicina agir. Eis que surge mais um vasto campo de luta médico-social em que o glorioso Centro Acadêmico Oswaldo Cruz poderá em prestar a sua força de juventude e o prestígio dos seus recursos. Inspirados pelo próprio Ministro da Educação, seus dirigentes lançaram as bases de uma Liga de Combate à Tuberculose. Certamente é esta uma semente que frutificará em grandes benefícios.

Mas, dentro da complexidade e extensão do problema, como iniciar sua ação, essa liga fundada por estudantes de Medicina?

(Conclui na pág. seguinte)

F. GIKOVATE

(Tisiologista do I.A.P.I. e da Liga Paulista contra a Tuberculose)

A notícia do lançamento de uma campanha contra a tuberculose pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, deve ser recebida com aplausos merecer todo apoio. Esse fato vem reforçar a impressão que estamos em vias de superar uma das deformações de nosso espírito, que mais tem contribuído para o diâmetro de solução de inúmeros problemas. A impressão antecipada entre nós de que só os governos estão em condições de solucionar problemas sanitários é um erro. Errada é também a suposição de que só um plano detalhadamente elaborado e executado por um organismo supercentralizado pode enfrentar com sucesso problemas como a tuberculose. A experiência dos países mais adiantados nos mostra justamente o posto. O armamento anti-tuberculoso é extremamente complexo e na organização do mesmo participam, ao lado do governo, instituições particulares das mais diversas.

O recente decreto que obriga os Institutos de Previdência a iniciar uma luta efetiva contra o flagelo da tuberculose é uma prova que o Dr. Paula Souza também encara problema por este prisma. O governo não dispõe dos recursos financeiros e técnicos necessários para resolver por si só o problema. Deve incentivar e auxiliar convenientemente as iniciativas privadas e as semi-oficiais. E' útil, sem dúvida, a coordenação dos esforços, mas sem cair nas centralizações excessivas e nos planos mirabolantes que acabam em burocracia esteril e contraproducente.

A campanha deverá ter, no caso do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, antes de mais nada, um caráter educativo. Educar o povo, educar os estudantes de medicina, educar os próprios médicos, no sentido de uma visão correta do problema. Destruir noções antigas, absolutas e errôneas, principalmente em relação ao diagnóstico precoce da tuberculose incipiente. No curso de diagnóstico diferencial, realizado, sob os auspícios da Sociedade do Serviço do Prof. Celestino Bourroul, tive a oportunidade de mostrar inúmeros casos de tuberculose pulmonar adiantada, excavada, muitas vezes bilateral, que chegavam a esta fase tardia sem diagnóstico

adequado. Não se trata, aliás, de novidade. Todos os especialistas e todos os livros insistem sobre o mesmo fato. A tuberculose tardiamente dá sintomas clínicos e estatacísticos. Só o filme é capaz de revelar o mal na sua fase incipiente. O povo deve ser educado no sentido de suspeitar da molestia a propósito dos sintomas mais incipientes e procurar o médico. Os médicos devem ser educados no sentido de não confiarem nos métodos semiológicos clássicos para o diagnóstico precoce da tuberculose.

AS LESÕES INICIAIS NÃO PODEM SER REVELADAS PELA PERCUSSÃO E ESCUTA. E muitas vezes ocorre o mesmo com lesões bastantes extensas. Os raios-X são indispensáveis e cabíveis, sem dúvida, a primazia no diagnóstico da tuberculose. A roentgenografia, segundo Manoel de Abreu, é um processo seguro e barato e deve ser usado em escala em maior de que tem sido. Não se justifica que os Hospitais, até mesmo o Hospital das Clínicas, não disponham de um aparelho de roentgenografia para o exame sistemático de todos os candidatos ao internamento e ao ambulatório. Os erros de diagnóstico seriam em número bem menor e o diagnóstico precoce da tuberculose seria feito com mais frequência.

Creio que a campanha contra a tuberculose, a ser lançada pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, será uma contribuição ao valioso para o nosso armamento anti-tuberculoso, ainda tão pobre. Creio também que a sua função principal deverá residir, não só na educação do povo, mas também, — e este é o aspecto mais interessante — na criação de uma escola para o estudante e o futuro médico que poderá suprir a deficiência do ensino oficial que parece ignorar uma das molestias mais frequentes e mais graves.

O estudante paga pesado tributo à tuberculose. A luta contra a mesma, nos meios estudantis ainda se encontra na infância. O exame periódico realizado no Instituto de Higiene, ainda não abrange a grande massa estudantil de São Paulo. Ainda não existem organismos de assistência ao estudante doente. O Centro Acadêmico Oswaldo Cruz tem muito a realizar neste setor importante.

DIOGENES A. CERTAIN

O tributo que pagamos em vidas preciosas à grande ceifadora, no Brasil é bem entre outros a consequência do baixo índice da educação sanitária do nosso povo. Esta por sua vez decorre do grau de percentagem de analfabetos, taxa esta que nos situa entre os primeiros colocados nas estatísticas dos povos incultos. Isto já proclamava Miguel Couto. Isto já disseram quantos... e no entanto, não se concretizou ainda uma consciência directiva nacional fecunda e realizadora capaz de nos tirar dessa vanguarda posição que a história e os fatos nos impuzeram. Agitam-se neste momento as águas da indiferença com a campanha em boa hora iniciada por Souza Campos e Paula Souza. A tuberculose parece, irá deixar um problema e exigir leitos e mais leitos onde se enidem os atingidos para encerrar também os fatores médicos-sociais onde alistam os meios da prevenção possibilitando-nos uma diminuição sensível dos índices de mortalidade, morbidade da infecção. Primeiro ponto da grande campanha. Inscreve-se com pioneiro, entre as entidades auxiliares, o prestigioso Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" cujas campanhas memoráveis em outros setores de assistência e profilaxia muito o recomendam com penhor da segurança na nesse de benefícios a ser conferida pelo nosso povo. E' preciso não esquecer e aceitar a luta com os sacrifícios que uma tarefa de tal natureza exige. Há muito por fazer até criar uma consciência sanitária nacional. E' preciso insistir muito, por todos os meios de propaganda ao alcance, e, sobretudo não haver solução de continuidade no ritmo atingido. Como ponto de partida a Universidade é bem uma chave de ouro para abrir uma campanha e não faltará outra em outros setores para encerra-la, quando todos os abjetivos forem colimados. Sua extensão às Escolas, quer de ensino secundário quer do primário, aos quartéis, aos internatos, as coletividades operárias, ao funcionalismo, aos Institutos e Caixas de Apôsentadorias e Pensões, disseminando-se que já dissemos, uma consciência de direitos e obrigações que a saúde pública nos

(Conclui na pág. seguinte)

TUBERCULOSE E OS UNIVERSITÁRIOS

(Conclusão da pág. anterior)

Sem dúvida que o primeiro passo deverá ser dado “em casa”. Se os estudantes querem lutar contra a Tuberculose, o melhor caminho terá que ser combatê-la no próprio ambiente universitário. É questão de lógica que, se existe o mal entre os estudantes, eles precisarão combatê-lo aí, para depois lutar em campo mais amplo, com a força do próprio exemplo.

O meio universitário, pela idade jovem dos estudantes, pelo desequilíbrio social, alimentar, etc., dos que vêm de fora, é especialmente propício ao ataque do bacilo de Koch, não se contando o perigo de contágio em enfermarias, para os estudantes de Medicina e Enfermagem.

A Universidade, graças à ação do mesmo Prof. Raphael de Paula Souza, já oferece aos estudantes os melhores meios para o controle do seu estado pulmonar, e isto se encontra no Serviço de Inspeção de Saúde da Universidade, instalado na Faculdade de Higiene e Saúde Pública, onde os estudantes podem fazer todos os exames, desde a radiografia até a inoculação em cobaia, sem menor gasto pessoal. Esse serviço de saúde da Universidade foi até agora muito pouco frequentado, ignorado mesmo, pelos alunos das séries mais adiantadas, que são os que correm mais risco de ficarem doentes. Não obstante, o material e os resultados obtidos de sua ação foram suficientes para impressionar o Conselho Universitário que propoz uma medida legal que tornasse obrigatório o exame radiológico anual dos universitários.

Esta medida tornou-se uma realidade com o oportuno decreto-lei n.º 15.879 de 8 de Julho de 1946, assinado pelo Interventor Federal, Embaixador José Carlos de Macedo Soares e que reproduzimos na integral, linhas abaixo.

Como contribuição brilhante da Liga de Combate à Tuberculose, os alunos de Medicina deverão, antes de mais nada, organizar uma grande e eficiente campanha dentro da própria Universidade, no sentido de fazer com que todos seus alunos sejam radiografados pelo aparelho de Manoel de Abreu da Faculdade de Higiene, pois é ponto passivo que a Tuberculose só tem diagnóstico precoce pela radiografia em massa das coletividades. Se não obtiver o recenseamento, fóracio de toda a Universidade, a Liga de Combate à Tuberculose, não terá for-

ças para realizar outras missões de maior vulto.

DECRETO-LEI N.º 15.879, DE JULHO DE 1946

Dispõe sobre obrigatoriedade de inspeção médica aos alunos, pessoal técnico e administrativo da Universidade de São Paulo, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

O INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, usando da atribuição que lhe confere o art. 6.º n. V, do decreto-lei federal n.º 1.202, de 8 de abril de 1939.

Decreta:

Artigo 1.º — Será obrigatória a inspeção médica anual para todos os alunos e para o pessoal técnico e administrativo da Universidade de São Paulo, na Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

Artigo 2.º — Só será efetivada a matrícula nas diversas séries dos cursos universitários após a apresentação do certificado de saúde fornecido pela referida Faculdade.

§ 1.º — O prazo máximo para a apresentação do certificado será o do início das provas parciais do 1.º semestre.

§ 2.º — será cancelada a matrícula condicional no caso de inobservância da exigência do parágrafo anterior.

Artigo 3.º — O pessoal técnico e administrativo da Universidade de São Paulo só poderá reassumir o exercício de seus cargos após o gozo do período legal de férias, mediante a apresentação de certificado de saúde fornecido pela Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

Artigo 4.º — Fica autorizada a Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo a dispendar a importância de Cr.\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros) para a aquisição da unidade móvel de saúde referidas no presente decreto-lei.

Artigo 5.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário!

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 8 de julho de 1946.

a) José Carlos Macedo Soares; Plínio Caiado de Castro.

Publicado na Diretoria Geral da Secretária do Governo, aos 8 de julho de 1946.

a) Cassiano Ricardo, Diretor Geral.

Publicado no Diário Oficial de 9 de julho de 1946.

Como porta-voz das Campanhas Médico-Sociais o Estudante do Interior

Assim como vemos coroada de êxito a campanha pro-alfabetização de adultos, que se vem desenvolvendo nas cidades do interior por parte de normalistas e professoras recém-formadas, atividades múltiplas pro-higiene daquelas populações poderiam exercer os estudantes de medicina do interior, nos períodos de férias.

Quanto não são os nossos colegas que vêm para aqui em São Paulo, a fim de se consagrarem ao estudo da arte de Hipócrates e que, durante os períodos de férias, dirigem-se as suas terras, para a companhia de seus pais. E talvez quantos destes não sentem bem de perto o palpitar das prementes necessidades de nosso caboclo e de muita gente de nosso hinterland. Sentem a exteriorização de suas condições mesquinhas de vida, da carencia de discernimento das coisas mais comestíveis, da completa falta de instrução, da falta de higiene alimentar e física, muitas vezes debeis, cambaleantes sob o fardo duro e pesado das verminoses que os assolam.

Talvez quantos dos estudantes de nossa escola não devem ter sentido a vontade de poder ajudá-los de maneira sistemática, instruindo-os nas coisas que dizem respeito a nossas ativi-

dades no setor da higiene, nos cuidados a serem dispensados em relação às molestias que grassam no interior, e depauperam aquela gente muitas vezes ao extremo.

Mito se diz e se prega pela imprensa, pelo rádio, por todos os meios de difusão da cultura, em relação ao nosso caboclo e a muita gente das zonas sub-urbanas e mesmo urbanas, nas nossas cidades. Mas, infelizmente, muitos ou a quasi totalidade de nossos patricios que são as pedras debeis e combalidas no erguimento de nosso edifício economico, não lêem jornais, não ouvem rádio, não vêm os filmes educativos e nem filmes de especie alguma.

Necessarias se tornam, portanto, que as varias campanhas de higiene rural incluindo os varios departamentos de combate às verminoses, de higienização física e alimentar, de combate à tuberculose, se associem a uma campanha bem conduzida de alfabetização, e sejam levadas a efeito em vivo contato com aquelas populações.

A campanha que visa dar os rudimentos mínimos do conhecimento de nossa lingua, já vem sendo feita em alguns distritos por parte de jovens moças que deixam o acariciador âm-

NA VANGUARDA DE LUTA..

(Conclusão da pág. anterior)

impõe para que sejamos uma célula sã e para que haja uma coletividade sã — “A experiencia auferida em outros países, e em particular pelas companhias de seguros nos Estados Unidos da America do Norte, permite afirmar que, cada milhão consagrado à medicina preventiva, significa uma economia de dez milhões em medicina assistencial”. É bem significativa a expressão numérica dessa observação.

LIGA DE COMBATE A' SIFILIS

No momento atual, em que tantas campanhas médico sociais tem sido efetuadas, o C. A. O. C., tem sido um dos seus fervorosos combatentes, com a finalidade de diminuir a miseria do povo e dar-lhe um pouco de educação higienico-social.

Já no ano passado, tivemos a Campanha da Boa Alimentação, na qual varios colegas estiveram empenhados com carinho e boa vontade, tendo visitado cidades do interior e feito numerosas palestras por meio das Emissoras locais.

Foi o primeiro movimento que se começou a esboçar, nestes tempos difíceis que atravessamos, no campo da Medicina Social.

Atualmente, outros mais se estão organizando, em vias de se tornarem fatos concretos. Assim, passo a citar a Liga de Combate ao Cancer, que terá orientação científica, feita para alunos, na qual será ministrado um curso de histopatologia do Cancer clinica hospitalar correspondente.

Tambem a Liga de Combate à Tuberculose é quasi uma certeza. A mesma contará com a orientação científica do Dr. Rafael de Paula Souza e será também mantida com o concurso dos alunos, contando para seu funcionamento com clinica hospitalar

te do lar para se embrenharem em rincões distantes. Já vem sendo feito também, ao lado disso, movimento de carater médico social que visa o combate de todos os outros males que affligem os que vivem no interior, e se arraigam de geração a geração de homens apáticos.

Dignos de elogios são todos aqueles que compartilham destas campanhas que se vão desenvolvendo em muitos lugares — mesmo e principalmente em nossa Escola.

Nada mais justo seria, portanto, que o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, como parte integrante do gigantesco movimento a que se associa, chamasse a todos os nossos colegas do interior e lhes desse, para o próximo e para todos nos futuros períodos de férias, incumbencia de manifestar os seus espiritos de combatividade neste sentido.

Alguem poderia apartear-me e dizer que desde já, sem ser em nome do Centro ou em carater oficial, mas como bons brasileiros, todos nós, estudantes de medicina, em face dos problemas que aniquilam, o nosso povo devemos não poupar esforços na erradicação das pragas que abatem o país.

Pode-se responder que nada melhor do que ir-se armado de alguns direitos e privilégios nessa campanha, os quais poderiam ser dados sob a forma de um diploma ou carta de Interventor ou embaixador do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, junto às suas cidades, aos colegas do interior. Assim ter-se-ia facilidade de trabalho, após-conversação, nas cidades distantes, com os prefeitos, diretores de grupos escolares e fazendeiros, colhendo sugestões, traçando as trilhas a se seguir execução dos planos.

É interessante afirmar-se que mesmo muitas professoras dos lugares onde forem armadas as tendas de trabalho, positivamente serão companheiras dedicadas em tão nobre tarefa, imprescindível para a formação de um Brasil maior.

A. B. B

Dinheiro para obras assistenciais representa uma necessidade, mas o dia que pudermos economizar grande parte da quantia a ser gasta no Brasil (porque os nossos meios preventivos assim nos permitiram) então teremos atingido aquela posição invejável que desfrutam os povos civilizados principalmente em materia de tuberculose como observamos nos países nórdicos e nos Estados Unidos da America do Norte.

e serviço de Roentgengrafia.

Vemos, pois, que o esforço se vem desenvolvendo com bastante boa vontade, ampliando a assistência à pobreza abrindo campo a todos que tem boa vontade de cooperar e aprender a arte medica.

Mas, entre todas as fundações citadas, cumpre mencionar, a primeira organização do C. A. O. C., a pioneira no genero, que durante muitos anos se vem mantendo em funcionamento ininterrupto, fundada por alunos deste Faculdade, com cargos desempenhados por alunos, facilitando às classes menos protegidas, uma assistência gratuita e completa, no campo das doenças venereas e da sífilis: a Liga de Combate à Sífilis.

Fechada uma vez, contra nossa vontade, ela se reabriu novamente com mais vigor e, desde então, por ela, tem passado varias gerações de médicos que contribuíram com seu esforço e abnegação, para melhorá-la e elevá-la.

A Liga de Combate à Sífilis é uma fundação concreta. Neia, alunos, do 1.º ao 6.º ano, concorrem com seus trabalhos e todos militam de livre e espontanea vontade.

Mas, creio, que a orientação possa ser melhor, pois, alem da assistência ao pobre, deveria ser proporcionado aos alunos um curso de orientação científica, feito pelos alunos dos anos mais adiantados. Poder-se-ia fazer semanalmente uma reunião-aula, a qual seriam dadas as noções basicas sobre molestias venereas e sífilis bem como o tratamento intituído para os diversos casos; adotar classificações, ainda que convencionais, para os diversos estadios da molestia, pois, reinar ainda, grande confusão quanto à nomenclatura dos varios períodos, não se sabendo a correspondencia exata entre as diversas usadas.

Cada um, usa a que mais lhe parece certa, pois, nem todos estudam nas mesmas fontes.

Si houvesse uma uniformação das nomenclaturas usadas, repito, ainda que convencionais para o nosso uso, obteriamos melhores resultados.

As reuniões, poderiam mesmo ser antes do inicio do serviço, aos domingos, aproveitando-se os melhores casos surgidos, para apresentação aos alunos.

Outra sugestão é que, nas salas de consultas, os alunos dos anos superiores tomassem dois ou três alunos menos inteirados na materia e os fossem instruindo e orientando no modo de examinar o doente e os pontos principais a serem examinados, explicando as lesões ou acidentes apresentados, bem como a terapeutica a ser instituída em cada caso.

Assim, ao contrario de se irem adquirindo noções esparsas e as vezes erroneas, difficilmente reuniveis, obter-se-iam já, ideias exatas e entrosadas, o que só poderia constituir fator de progresso e melhora.

Creio que si obtivermos isto, o rendimento será muito maior e com menores margens de erros, o que virá beneficiar a ambos os lados, isto é, doentes e alunos.

Não esmoreçamos, pois, e trabalhem todos com afinco, pois, o C. A. O. C. é uma organização de alunos para os alunos e si dermos um impulso nas nossas fundações, mesmo que não possamos usufruir seus beneficios, que os aproveitem, os que vierem, após nós.

Olívio Stersa

P I F - P A F

Aquele individuo, era tão otimista: tão otimista, que entrou na Faculdade, disse que ia aprender medicina:

SIM IRMÃO, embora pareça mentira, por tão absurdo que é, aconteceu na realidade: Em 1934, apareceu um doente na clínica psiquiátrica, cujo diagnóstico não era de esquizofrenia.

ARTIGO DE FUNDO

Vocês já devem ter notado como a maneira de pensar e a índole de uma pessoa influe na escolha de sua profissão. Um exemplo característico disto é o fato de todos os efeminados terem preferencia por profissões femininas (costureiros cabelereiros etc.).

Mas o inverso não é verdade. Nem todo costureiro é efeminado.

Nem todos ortopedistas têm necessidade de agir "traumatologicamente". Eu não sei, mas tenho a impressão que aí fora (eu só conheço os de casa) deve haver ortopedistas que se iam dedicados...

NOSSO DICIONARIO

Estudante de medicina: individuo matriculado nesta Escola, que é obrigado a assistir aulas sem interesse o dia todo; e procura nas horas vagas aprender um pouco de medicina.

C. A. O. C. — Agremiação dos estudantes de medicina, que tem por fim, promover eleições gerais no mês de Outubro, para que haja substituição da Diretoria.

Professor de Medicina: Individuo maior de 60 anos com grande conceito na sociedade e com enorme clientela, que por falta de tempo abre um livro uma vez por mês... as vezes este livro trata de medicina.

Bar: Local da Escola, muito limpo, sem mosca nem fins lucrativos, que conta com o beneplácito do Zé Cane e um grande balcão onde cinco funcionárias estão encarregadas de avisar aos alunos que nada ha para vender.

ACO: Individuo pouco apreciado pelos seus colegas. Uns porque decoram e tiram nota boa, e os colegas têm raiva dele. Outros porque estudam coisas uteis e sabem medicina, e os colegas têm mais raiva deles.

FOI ASSIM...

Aquele individuo achou que aprenderia medicina na enfermaria do Almeida Prado... foi assim que se formou sem saber coisa alguma.

Aquele professor resolveu se especializar em cirurgia do tórax... foi assim que aumentou muito o serviço na Anatomia Patológica.

Aquelé colega uma vez por semana "diz" que dormia no Hospital para fazer plantão de Obstetricia... assim que mesec depois "fez" um parto.

Aquele calouro quiz tirar um "notão" com o Lochi... foi assim que foi parar no Juqueri.

Observador era aquele calouro, que com ares de Ovídio disse á um colega: — Voce já notou que a pronuncia do Paula Santos (Xilór) é um pouco esquisita?

NOSSO CONTO:

Positivamente, naquela cabeça enorme cabia coisa p'ra burro. Ele tinha na realidade uma cultura vastissima. Ficava furioso quando ao citar um artigo de uma dessas revistas que ninguém lê, (uma revista brasileira por exemplo) um assistente lhe dizia que já havia lido o artigo.

O contrario; alguém citar um trabalho que ele não conhecesse, jamais aconteceu, mas se um dia acontecesse ele morreria, seria uma síncope fatal.

Este chafariz científico um dia foi chamado (sim, ele também tinha clinica).

Colocou um avental de borracha, e sobre este, mais cinco aventais esterilizados. Mascara, botindas, gorrinho, luvas etc... Antes de examinar perguntou á enfermeira:



6) Entrada gratuita em todos os cinemas da cidade, inclusive do...
7) Construção de um arranha-céu de 100 andares, com apartamentos á disposição dos alunos. O edificio sera batizado com o nome "A CASA DE..."
8) Extinção das camaras de tortura por meio de um concurso oportuno decidido...
9) Aos que insistirem em frequentar as aulas teóricas, distribuiremos poltronas estofadas, ventilador e um aquecedor, conforme o tempo, revistas e jornais, balas, bombons, chocolates, pipoca, e...
10) Freqüencia livre aos exames.

2) Bar gratuito com farta distribuição de chiques.
3) Construção de um arranha-céu de 100 andares, com apartamentos á disposição dos alunos. O edificio sera batizado com o nome "A CASA DE..."
4) Extinção das camaras de tortura por meio de um concurso oportuno decidido...
5) Aos que insistirem em frequentar as aulas teóricas, distribuiremos poltronas estofadas, ventilador e um aquecedor, conforme o tempo, revistas e jornais, balas, bombons, chocolates, pipoca, e...
6) Entrada gratuita em todos os cinemas da cidade, inclusive do...
7) Construção de um arranha-céu de 100 andares, com apartamentos á disposição dos alunos. O edificio sera batizado com o nome "A CASA DE..."
8) Extinção das camaras de tortura por meio de um concurso oportuno decidido...
9) Aos que insistirem em frequentar as aulas teóricas, distribuiremos poltronas estofadas, ventilador e um aquecedor, conforme o tempo, revistas e jornais, balas, bombons, chocolates, pipoca, e...
10) Freqüencia livre aos exames.

1) Freqüencia livre aos exames.
2) Bar gratuito com farta distribuição de chiques.
3) Construção de um arranha-céu de 100 andares, com apartamentos á disposição dos alunos. O edificio sera batizado com o nome "A CASA DE..."
4) Extinção das camaras de tortura por meio de um concurso oportuno decidido...
5) Aos que insistirem em frequentar as aulas teóricas, distribuiremos poltronas estofadas, ventilador e um aquecedor, conforme o tempo, revistas e jornais, balas, bombons, chocolates, pipoca, e...
6) Entrada gratuita em todos os cinemas da cidade, inclusive do...
7) Construção de um arranha-céu de 100 andares, com apartamentos á disposição dos alunos. O edificio sera batizado com o nome "A CASA DE..."
8) Extinção das camaras de tortura por meio de um concurso oportuno decidido...
9) Aos que insistirem em frequentar as aulas teóricas, distribuiremos poltronas estofadas, ventilador e um aquecedor, conforme o tempo, revistas e jornais, balas, bombons, chocolates, pipoca, e...
10) Freqüencia livre aos exames.

ARTIGO DE FUNDO

ARTIGO PROFUNDO

AS NOSSAS COLEGAS ENFERMEIRAS

— Como ninguém igitra, o reporter é tipo do camará (como diria o Be nevidas), cherêta e bisbilhoteiro. Tudo vê, tudo ouve e logo de lapis na mão vai fixando branco no preto e mandando para a rotativa. Foi desta emissidade peculiar ao jornalista que surgiu este artigo profundo. O outro dia fomos nós dependurados no estribo do bonde que passa pela Avenida Dr. Arnaldo, com integrantes da chamada humana mais interna. Fomos

despreocupados, mas sempre atentos para uma novidade jornalística, e eis que ela surge nova, fresquinha como as tainhas da mepêsca. Eram quatro, sim quatro colegas nossas, da Escola de Enfermagem que papagueavam em lorde voice para todo o mundo ouvir, digo todo o bonde ouvir. Uma delas, de pé cinco bancos atrás das outras três gritava alto e bom som:

"ESTE FOI O UNICO LUGAR QUE ELE NÃO AMBICIONOU"

DIZE-NOS COMO TE CHAMAS...

FARIA, quer dizer "Eu sou do contra".

Personagens; O médico que examina e o médico doente.

Eu sou colega do Prof. Celestino, concluia aquele estudante idiota, pois eu sou colega do Veloso, e o Veloso já foi colega do Celestino...

Mais idiota entretanto era aquele aluno que esperava poder operar na enfermaria do Prof. Montenegro sem ter que badalar ninguém.

Porem, mais idiota ainda era aquele que tomava notas nas aulas do Ovídio.

Trabalhador era aquele superintendente, ele catava todas as pontas de cigarro que encontrava no Hospital.

TEATRO CORISCO: A PRESCRIÇÃO

Cenário; O consultório. O que examina — O snr. está mal, precisa de muito descanso.

O doente — Mas como eu posso conseguir isto?

O que examina — Porque V. não arranja um lugar de assistente da Farmacologia?

GOZADA é a história daquele professor que queria todo o Hospital para ele... e acabou provocando um tiroteio na reunião da Congregação.

SIM, indagou aquele estudante espiçula, se a ociosidade é a mãe de todos os vícios, como será a Farmacologia?

É, pensava aquele esportista visionário eu dou duro para ganhar uma prova na Mac-Med e assim o Lochi me deixa passar.

"Pois é meninas, fiz exame de anatomia agorinha mesmo. Sabem o que caiu? não? Ora tão facil: porção infra-diafragmatica do tubo digestivo"

— "E você foi bem?"

— "Ora, por que não! Você não sabe que eu vou me especializar em aparelho digestivo?"

— "Eu não, vou ser sanitarista, vou para Campinas, lá não tem disso".

Nisso entra uma zinha exoftálmica na conversa e começa apregoar aos do bonde suas tendencias pela ortopedia etc., etc.,

O pobre autor destas linhas, desconhecido estudante de medicina ouvia tudo chateado, pensando que há oito anos ouve-xaropadas incríveis e agora que estava para terminar o curso, ainda tinha que aturar a concorrência dessas zinhas, como se não bastasse a situação de mesquinhez em que colocam os medicos e estudantes no H. C. Ainda o outro dia um interno estrilou na fila do almoco:

— "Eh, eu tenho pressa, vê se não deixa essas enfermeiras passar na frente".

— "Enfermeiras não!" respondeu uma delas acrescentando: "Universitárias da Escola de Enfermagem".

Ora caro Enéas essa é boa! Ora ilustre conselho, essa é bonissima! Afinal até quando teremos que viajar dependurados, feitos sajsichas nos bondes do H. C. á Sta. Casa, da Sta. Casa ao H. C? O Hospital foi feito para os estudantes é não para as Enfermeiras ocuparem todo um andar com apartamentos e cassinos. Não demora muito e vamos ter a tristeza de vez, como ainda a pouco vimos num nibus Acimação, um anuncio estampado de um Enfermeiro que se dizia ex-interno de um Hospital (felizmente não era o H. C.), e que se dizia capacitado a fazer qualquer tarefa re-lacionada com a pratica da Medicina. E notemos que esse individuo não era formado pela Universidade de São Paulo.

Imaginem os leitores si o fôsse...

Texto de João Bobo

Arivaldo de Carvalho

NB: Não temos certeza, se ele disse Proteus OX-19 ou Proteus B-29, no próximo numero confirmaremos.

EPITÁFIO (A um dos professores de cirurgia)

Ao Professor e aos Assistentes de Fisiologia

Que as palavras seguintes se alinhem de modo a traduzir fielmente o nosso pensamento, com sinceridade antes de tudo, é o nosso maior desejo. Procuraremos, precipuamente, sem preocupações de melhor forma literária, apresentar a verdade acérra do objeto deste artigo, inteiramente “desprovida do manto diáfano da fantasia”.

O senso de observação que é qualidade indispensável a um indivíduo de escola superior nos leva a formar conceitos a respeito do ensino nas diferentes cadeiras da Faculdade, à medida que progredimos no decorrer do curso. Assim sendo, o nosso conceito sobre o ensino de Fisiologia na Faculdade de Medicina de São Paulo está formado. E é ele que pretendemos apresentar.

— x —

Observa-se claramente nesta Escola, que a orientação atual da Cadeira de Fisiologia não satisfaz, de modo algum, as necessidades dos estudantes. E não somos nós os primeiros a manifestar tal opinião. Ela já foi expressa, várias vezes, em números passados deste jornal, órgão oficial do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, e é repetida, quase que diariamente, em todos os cantos deste sumoso edifício em que labutamos. Razões não faltam para tal. Os estudantes sentem que, ao deixar o segundo ano, pouco ou nada aprenderam de Fisiologia. No “estágio” feito no terceiro andar dividiram o seu tempo em assistir a enfadonhas aulas teóricas, ministradas, quasi sempre, por professores cujo esforço incontestável não é porém suficiente para compensar uma ausência de didatismo clara e insofismável, e a frequentar aulas práticas cujos assuntos são destituídos de real interesse. Por que, perguntamos, os alunos são obrigados a aceitar cerca de 70% das aulas práticas referidas, dos 2 anos de curso, a fazer as mais variadas e complicadas experiências de fisiologia muscular com o gastrocnêmio dos “pobres” sapos? Por que não se aplica pelo menos uma parte desse tempo no estudo de assuntos cujo interesse é primordial e que não faltam no vasto e bellissimo campo da Fisiologia? Segundo sonhemos, o orientador do curso no primeiro ano disse, certa vez, que tal método era usado para despertar no estudante o interesse pela pesquisa científica. Louvável é o seu intuito, caro professor — nós lhe respondemos — porém método até hoje posto em prática tem tido efeitos justamente opostos. De tão enfadonho e desinteressante que é, cria no estudante justamente a ojerisa pela investigação científica. Portanto, com a melhor das intenções, aconselhamo-lo que o abandone.

Realmente, aquelas tão faladas “experiências de sapos” constituem, ao que parece, um “tabú” no Departamento de Fisiologia. A nossa turma que cursou o primeiro ano em 1944, por exemplo, não teve o curso de fisiologia da respiração e teve incompleto (só foi dada uma parte mínima) o curso de fisiologia da circulação, por falta de tempo, segundo alegaram os responsáveis pela Cadeira. Nem por isso, entretanto, lembraram-se os professores de suprimir algumas aulas sobre a fisiologia muscular nos batráquios para que, em seu lugar, estudássemos os fenômenos da respiração e da circulação no homem. Perguntamos: qual dos assuntos é o mais importante?

Alem disso, não nos é útil em aulas teóricas ouvir pacientemente o decorrer minucioso de várias teorias sobre um mesmo assunto, quasi todas já em desuso, ou ficar assistindo ao deduzir de fórmulas complicadas que le-

vam, na maioria das vezes, o autor da dedução a pedir licença aos alunos para consultar a sua ficha, porque é próprio não conseguiu dominar a “atrapalhada” feita. E ainda já é tempo de que a nomenclatura antiga usada no estudo da fisiologia nervosa ceda lugar á usada atualmente no Departamento de Anatomia, afim de que os estudantes não continuem a fazer malabarismos para, num mesmo ano e na mesma época, dar conta do recado, ou seja, estudar o mesmo assunto por nomenclaturas diversas, em sua quasi totalidade. Nesse particular é preciso que o comodismo até hoje observado não continue ditando a permanência de tal estado de coisas.

Chegada a hora do exame prático, então, é que se revela a calamidade. É uma prova de memória dos estudantes. Tem-se que saber decor os mínimos detalhes técnicos das dezenas de experiências feitas uma vez, apenas, durante o curso. Nem sequer as papeletas com indicações da parte técnica, da parte de execução, nos são fornecidas. É a memória que deve prevalecer! O examinando tem que se recordar do número de gotas de uma substância, da quantidade de cm³ da outra, do tempo de tantos minutos entre

uma intervenção e outra, arriscando se a um engano mínimo que jogará por terra todo o esforço dispendido e aumentará sua probabilidade de reprovação. A memória física sendo a base do exame realizado ou, pelo menos, um fator considerável a influenciar no julgamento. E os professores Fisiologia da nossa Faculdade, nesse “momento solene” de examinar os estudantes para aprova-los ou não, esquecem-se de que eles professores conhecem tais mínimos detalhes como a palma da mão porque o trabalho de tempo integral naquele mister, anos e anos seguidos, é que lhes deu essa possibilidade de agir como máquinas precisas. E não compreendem que, dos estudantes que não guardaram bem o que viram uma só vez, fortuitamente mesmo, poucos serão pesquisadores porque já se desiludiram graças á própria culpa desses mesmos professores que não deixam de olhar a vida, um minuto sequer, através do seu prisma embaçado por uma “fossilização” ridícula e prejudicial.

Não nos alongaremos na citação de fatos, pois para tanto o espaço de que dispomos é exíguo e mesmo porque os já apontados cremos suficientes para confirmar a nossa asserção inicial, is-

A evolução do adeus

Uma lei fatal diz que tudo na vida caminha, intransigentemente que nada deve ficar como está. Assim, as transformações são inevitáveis, e contra elas nada pode. Não pode o homem se obstar a que se realize a evolução inexorável.

E isto sucedeu com o meu modo de encarar esse crucial problema do adeus, trazendo notáveis mudanças no que toca á minha expressão ao se aproximar uma despedida. A questão é interessante exporei alguns prismas pelos quais já a encarei.

Quando fui tentado a fazê-lo pela primeira vez, era ainda um meninoote sonhador, com quinze anos de idade. Tinha, naturalmente uma namorada, e assim me expressei:

HORA DO ADEUS

*Sempre que desce a noite sobre nós,
eu sinto o peito oprimido por tal
Umaqua,
que penso em expandir, com minha
Troz,
dor que traz meus olhos razos de
Tagua.*

*A hora do adeus, querida, faz sofrer;
quando vem, toda noite, ao te deixar.
É tão grande essa dor, não sei dizer;
meu coração parece vai parar.*

*E dentro da noite, eu fico pensando
se tu sonhas também os sonhos meus:
que amanhã, novo dia vem chegando,
sem que chegue porém, a hora do
Tadeus.*

Sem duvida, é uma expressão bonita sentimental e sincera, levando-se em conta a idade. Alguns anos mais tarde porém, com o crescer das responsabilidades, era eu obrigado a saltar da cama antes que o galo cantasse, e assim passei a exprimir o meu pesar:

HORA DO ADEUS

*Na hora do adeus, minha casa,
quanta preguiça, que sono.
É o que todo o mundo exclama,
bocejando como um momo.*

*Nem para tomar café,
quer alguém se levantar;
pois nada mais gostoso é
de que na cama ficar.*

*Porisso caro Morfeu:
vê bem, que sou teu amigo.
Repara: — Ninguém mais que eu,
quer estar sempre contigo.*

Esta expressão é mais material, mais objetiva e entretanto, não é tudo: atualmente, assíduo frequentador de alguns dormiteiros desta famosa e solene FACULDADE DE MEDICINA, que nós chamamos “ESCOLA”, traduzo em versos, não somente os meus, como também os sentimentos dos colegas, e da seguinte forma:

HORA DO ADEUS

*Adeus, caro professor,
Mais uma aula terminou.
Pecolhe perdão, Doutor,
se meu roncar o assustou.*

*De outra vez serei prudente;
usando um abafador,
dormirei clinicamente,
(e talvez culpe o calor).*

*Trei podem lamentar
precisar dizer adeus,
— quando o fim da aula chegar
aos tão lindos sonhos meus.*

Esclarecimento: Cumpro dizer que existe um professor, ao qual, em absoluto, não se aplicam tais versos. Seu nome, no entanto, não direi: assim, cada um deles terá o direito de julgar-se o tal. — WILLIAN MILK.

to é, a da inoperância do atual sistema de ensino da Cadeira de Fisiologia na Faculdade.

Pecaríamos, porém, e gravemente, si, nessa crítica desfavorável que dirigimos especialmente aos responsáveis pelo curso, deixássemos de citar duas exceções, ou seja, dois assistentes que, pelo trabalho desenvolvido até hoje, merecem o nosso mais sincero reconhecimento. É com prazer que citamos os nomes de Cyro Camargo Nogueira e Joaquim Lacaz de Moraes. O primeiro, tendo sob sua responsabilidade o ensino de Endocrinologia, satisfaz inteiramente os alunos, usando para tanto do seu espírito brilhante de homem culto e sobretudo esclarecido; segundo, lutador enérgico, espírito renovador e amigo dos alunos, caracteriza os seus ensinamentos, pelo sentido prático e eficiente que eles encerram. Ambos fogem, claramente do marasmo irritante em que mergulha, de modo geral, a atividade didática naquele Departamento.

A apreciação que ora fazemos, com absoluta isenção de ânimos, visa fazer chegar, de modo mais positivo, aos ouvidos dos responsáveis pelo ensino na Cadeira de Fisiologia, algo do que se pensa e do que se diz a respeito nesta Faculdade. Útil seria que os nossos Professores de Fisiologia deixassem de lado as suas habituais características de inacessibilidade e intransigência e viessem trocar ideias com os estudantes sobre o melhor método, ser posto em prática para maior proveito mútuo.

É preciso que se compreenda a necessidade de se ter em uso métodos de ensino realmente adequados e satisfatórios, de modo que os estudantes lucrarem o máximo em aproveitamento. Si todos os professores assim pensassem praticassem, nós não precisaríamos tomar atitudes como esta que é de lamentação e protesto. Esta nossa opinião não é um juízo formado, mas sim o fruto da observação que desenvolvemos em dois anos de experiência. Usamos de absoluta franqueza na manifestação desta opinião sincera. Temos, por outro lado, a certeza de que ela é corroborada por todos os colegas desta Faculdade, desde que, no emitir suas opiniões, nenhum deles se veja coagido por temores, até certo ponto justificados.

Urge uma profunda modificação no sistema de ensino da Cadeira. Não convem estejam os senhores professores, como até hoje estiveram, mantendo-se alheios ao nosso clamor, afim de que não cheguemos a pensar em displicência ou mesmo em má vontade. Tal seria desagradável e grave si fôsse constatado, ou mesmo suposto.

Queremos que os responsáveis pelo curso de Fisiologia, depois de lerem este artigo, procurem comprovar estas nossas afirmações, ouvindo as opiniões daqueles para os quais foram feitos os métodos de ensino — OS ALUNOS. Si elas não fôrem endossadas, sejamos nós acusados de emitir conceitos falsos e acusações injustas. Si fôrem, porém, só lhes resta senhores Professores — em nomeção mais elevado sentido que o magistério encerra — mudar inteiramente a orientação atual, porque ela não é satisfatória, não atende a sua finalidade principal de proporcionar aos alunos da Faculdade a base sólida que eles precisam possuir de uma Cadeira cuja importância é dispensável encarecer.

Dos senhores orientadores do ensino de Fisiologia, ficamos aguardando ansiosamente a atitude que caso requer.

Agosto de 1946

Alvaro da Cunha Bastos.

EXPEDIENTE

Director — Laertes Ferrão
 Redator-Chefe — Mauricio Fang
 Secretário — Walter Belda
 Tesoureiro — Ernesto Lima Gonçalves

Redatores

Uzzer Zejlik Dikstein
 Frederico A. Aba Cavaleiro
 Matinas Suzuki
 Manoel Munhoz
 Alvaro da Cunha Bastos
 Armando Botter Bernardi
 Orlando Góes
 Ademar Fiorillo
 Lisias Cezeira do Amaral
 José Roberto Albuquerque Fortes
 João Penido Burnies Filho
 Remo Telline

"O BISTURI" aceita colaborações dos colegas da nossa e outras Faculdades. Os originais deverão ser escritos à máquina, espaço duplo, assinados, mesmo se publicados sob pseudônimo. Todos os redatores recebem colaborações.

O Conselho Redatorial não se responsabiliza pelas idéias e opiniões dos colaboradores reserva-se o direito de publicar ou não os artigos recebidos.

A VOCE "PEQUENA"

ONTEM

Ontem, surgiste, como a mais bela das mulheres. Tinha um olhar de candura e meiguice, envolto por aquele pudor que caracteriza "feminino" nos extasia, quando temos o prazer de observá-lo. Tuas idéias eram puras e calmas, teu proceder refletido e reservado. Eras amante da Ilusão e da Beleza, fonte de Inspiração e de Amor. Tudo em ti, era carinho e afeto, lago manso; onde se podia banhar em bálsamo, um coração aflito e angustiado. Eras, enfim, a própria Ilusão, Beleza e Inspiração.

HOJE

Hoje, como uma silhueta esguia, que se move na espessidão da neblina matinal, passaste, por mim.

Lembrei-me de Ontem e, senti-me imensamente satisfeito e invadido por um novo sopro de vida. Tentei falar-te, mas... enganei-me: fingiste não me conhecer. Ao veres, que me ia afastar, afinal, acedeste.

Mas, apenas encontrei em ti, frieza e indiferença, orgulho e levandade. Mudaste um pouco. Já não és aquele ideal, por quem se trabalha prazerosamente, esquecendo o cansaço a própria vida; por quem se enfrentam os obstáculos e se transpõem quasi impossíveis barreiras, levantadas a todo e transe, no caminho que, a cada momento, defrontamos.

Sim, mudaste um pouco. Influência, talvez, das idéias modernistas, que arrastam consigo, os incantos e, se querem impôr a todo o custo.

Já te vais longe, envolta, pela névoa. Mal consigo, agora, distinguir tua silhueta, que se vai tornando imperceptível. E, enquanto caminhas, assim, desaparecendo na curva da estrada, começo a pensar, que estás penetrando nas brumas, nas pesadas brumas da Hipocrisia e da Materialidade.

AMANHÃ

Amanhã, infelizmente, não sei que ocorrerá. Talvez tenha que me defrontar contigo, encontrando em ti, não uma companheira solícita e prazerosa, mas, uma rival masculinizada e arrogante, que, a todo o custo, se quer impôr aos olhos da Sociedade, adquirindo os mesmos direitos e desempenhando os mesmos officios masculinos.

Talvez, tenha que encontrar-te entre tuas amigas, que bebem e fumam, trajadas "à masculina", contando piadas que fazem corar; rodas onde se discute apenas futilidades, onde idéias loucas surgem a todo momento.

Talvez, te hajas tornado egoísta, só pensando em prazeres supérfluos e ma-

Spencer imaginou que a maior parte daquilo que chamamos de *beleza*, no mundo orgânico, depende, de algum modo, das relações sexuais, que elemento inato do belo, nessas relações, predomina nas manifestações artísticas: música, poesia, pintura. Sens dis-cípulos, então, quiseram criar uma Estética Evolucionista, alicerçando seus princípios no conceito de sensações agradáveis e desagradáveis. As sensações que favoreceriam desenvolvimento do indivíduo e da raça seriam agradáveis; as demais seriam desagradáveis. E todos os organismos, que hoje existem, tiveram por antepassados indivíduos que fugiam das influências nocivas (com sensações desagradáveis) procuravam as favoráveis (com sensações agradáveis). O que nos parece belo, no fundo, nos proporciona sensações agradáveis. Numa primeira categoria dessas sensações teríamos as que se relacionam com existência do indivíduo; numa segunda as que se relacionam com a existência da espécie. A primeira categoria pertencem o sublime, o atraente e útil; a segunda o belo propriamente dito e o elegante.

O sublime nasceria do sentimento de desproporção de poderes e da noção de distância entre o fenómeno percebido e o indivíduo que percebe. Assim, uma batalha naval, para quem a contempla, de longe, pode gerar o sentimento de sublime: ele nasce da noção do poder mortífero das esquadras que lutam e da distância que o separa das mesmas: o espetáculo não gera terror porque a existência do indivíduo que o contempla não corre perigo. Daqui poderíamos passar para a idéia de Deus, como o sublime por excelência, ainda com a noção de seu poder e sua distância.

O atraente seria gerado pelo fenómeno que produz simultaneamente um número grande de impressões diferentes, exigindo grande atividade de nossos processos de percepção. Essa hiperatividade seria fator de evolução. O que produz uma só impressão, como um deserto gelado, por ex., não é atraente, mas monótono, embora possa parecer sublime, por ser *imenso*. O monótono é desagradável, porque cansa nossa faculdade de percepção.

O útil consistiria no que é racional, isto é, o que está de acordo com a lógica natural do Universo. Ele gera sensação agradável porque o que é racional, com o sentido acima, não põe em risco a existência do indivíduo. Um edifício em forma de globo, sobre uma coluna, não pareceria muito racional e nos suscitaria inquietação, que é desagradável. O útil é estético porque é racional, mas inspira do confiança.

Na segunda categoria temos o belo propriamente dito e o elegante, e estão relacionados com a existência da espécie. O sentimento do belo estaria invariavelmente ligado à nossa esfera sexual.

A mulher em que o binômio hipófise-ovário é perfeito, possui uma constituição anatômica mais adequada à propagação da espécie e é a que mais excita, no homem, suas funções sexuais. Assim, através de anos, foi-se ligando a idéia de belo com a de mulher, e representando a *pátria*, a *glória*, a *sabedoria*, com forma de mulher.

O elegante ficaria ligado à idéia de criança que, afinal, é manifestação do instinto de conservação da espécie. É elegante tudo o que é em miniatura, o que é pequeno. Daí as mulheres darem o diminutivo a tudo que acharem bonito, mimoso (formas elegantes).

teriais, relegando a um plano secundário, o lar e os filhos.

E, então será tarde demais, para tornar atrás, porque a Moral e a Religião, já terão naufragado, impelidas pelo violento vendaval dos vícios e paixões.

"PEREGRINO"

Estética evolucionista

Teríamos, assim, uma estética fundamentalmente diversa para cada sexo: o sentimento do belo propriamente dito mais forte no homem e o sentimento do elegante e mimoso mais acentuado na mulher. Essas sensações não apareceria simples, mas, associadas, e as manifestações artísticas de civilizações mais adiantadas ofereceriam enorme dificuldade à análise de seus elementos primitivos.

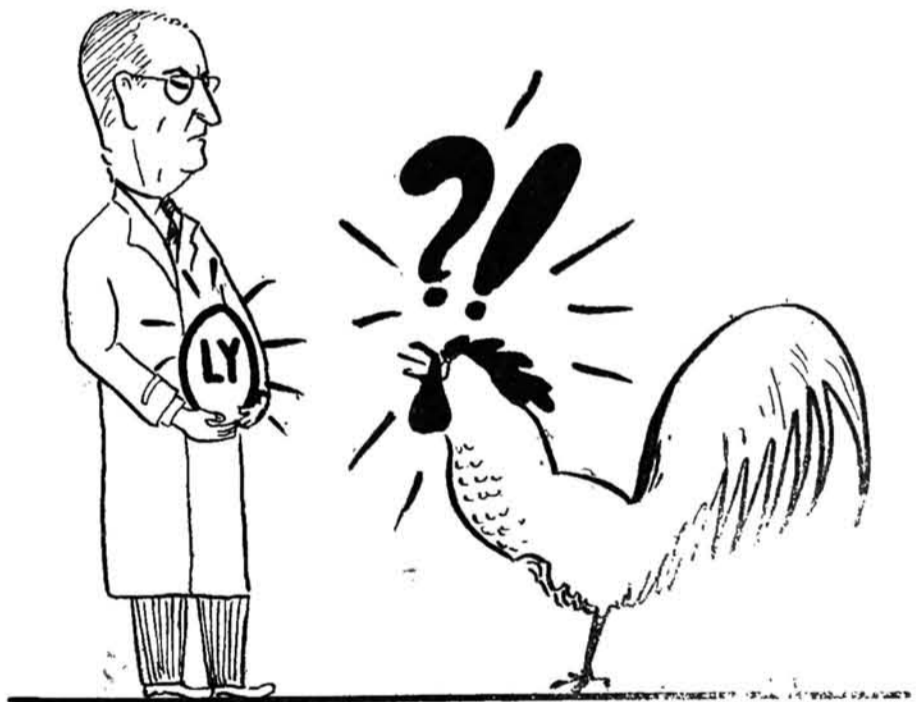
Até aí, muito bem. Mas, o mundo da arte é demasiado rico e complexo para ser encaixado assim, num esquema simplista. Um anatomista poderia dissecar todas as estruturas de um ser, sem reconstruir-lhe a vida; um esteta pode desmembrar todos os elementos de uma obra de arte, sem nos fornecer sua idéia de beleza. A obra artística é superior às simples sensações de sublime, de útil, de atraente. Um vulcão poderá suscitar o sentimento de sublime à sensibilidade do artista, mas não a outrem, em quem no máximo despertaria curiosidade. O atraente pode permanecer só no plano dos sentidos, sem atingir a esfera da figuração, da imaginação, que é a esfera da arte. O ato utilitário visa alcançar o prazer, afastando a dor; a arte, em si, nada tem a ver com o prazer: isto é, um prazer, por si só, não é artístico: um anestésico, suprimindo a dor, gera prazer, mas nada tem que ver com sensação estética, embora seja útil. A doutrina que define a arte como aquilo que agrada, denomina-se Estética hedonística. Admitindo-se que a arte seja uma forma particular de prazer, o seu carter distintivo seria dado não pelo agradável, mas por aquilo que distinguisse esse agradável dos demais agradáveis. O prazer commanda as atividades estéticas como as outras atividades espirituais, mas é só. A manifestação artística não é imediatamente utilitária e hedonística, mas move-se em esfera espiritual superior, mas ensina Croce. Para es-

te filósofo, a obra de arte é síntese "a priori" de expressão e sentimento, na intuição. Para ele, arte é, em essência, intuição. Imagens esparsas, sensações separadas, sem um fio de unidade, poderão gerar uma alegoria, mas não uma obra artística. Esta já deve estar pré-formada na imaginação do artista, como um todo coerente, como uma intuição, que se transforma em expressão, não em expressão vazia, mas unida a um sentimento. E, para isso, é preciso que exista o artista, com sua potência creadora, com seu mundo a cima dessas simples sensações agradáveis e desagradáveis. Diz ele: "Que função pode ter no espírito do homem um mundo de métras imagens, privadas de valor filosófico, histórico, religioso, ou científico, privadas até de valor moral, ou hedonístico? Não existem imagens átomos, que possam ser agregadas à vontade, por capricho ou em obediência a idéias metafísicas, morais ou religiosas, para a produção de uma obra de arte".

Esse todo não seria artístico porque nele não haveria unidade. As grandes obras de arte, por se originarem na intuição e possuírem unidade, são ricos mananciais para os imitadores. Elas não são só forma, nem só conteúdo, como também não são conjunto de forma e conteúdo, mas uma síntese "a priori" da expressão (que é forma) com o conteúdo (que é sentimento). Por isso, a obra de arte não pode ser um simples agregado de sensações agradáveis, como querem os evolucionistas.

"E num sentido bem subjetivo, Flaubert escreveu que em toda obra de arte tudo é sem fundo, infinito, múltiplo, no entanto, há algo de perturbador sobre o conjunto que não nos faz rir ou chorar, mas sonhar, e repetir o que Hegel exclamou à frente das montanhas: 'E' assim'" (Maurois).

ADHEMAR FIORILLO



— Pondo a modestia de lado, assumi a paternidade deste...

APELO

Os diretores de "O Bisturi" estão vivamente empenhados em organizar um arquivo para este órgão. Assim sendo pedimos a todos os colegas que possuam números de "O Bisturi" de anos anteriores, que o cedam ao C. A. O. C.

Com isso pretendemos ter um album completo de "O Bisturi" Os exemplares deverão ser entregues a Walter Belda.

O nosso muito obrigado.

SEÇÃO LIVRE

ELEIÇÕES DE 1946

VOTE EM

Presidente - Manoel MUNHOS

Secr. Geral. - Luiz CAMARGO da Fonseca e Silva

Secretário : - ERNESTO Lima Gonçalves

PARA O

Departamento Científico

- DO -

C. A. O. C.

SEÇÃO LIVRE

VOTE NA

Chapa HIRS

PARA DIRETORIA DE 1947 do C. A. O. C.

PRES	J. Barifaldi HIRS
Vice Pres.	IRAJA' L. Ribeiro (apoiado)
1. Secretário	Gabriel RUSSO
2.º Secretário	Célio F. CARRIL
1. Tesoureiro	Ermelindo DEL NERO
2.º Tesoureiro :	Edmundo ZARZUR
1.º Orador :	ALVARO C. Bastos (apoiado)
2.º Orador .	William CALLIA
Dir. de Esportes	Domingos LABATE

100 olo DE TRABALHO

SEÇÃO LIVRE

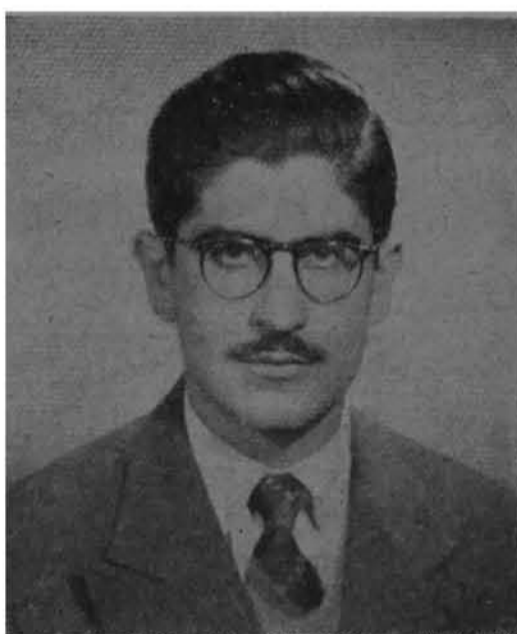
ELEIÇÕES DE 1946

Para o DEPARTAMENTO CIENTÍFICO do C. A. O. C.

VOTE EM



Presidente :
DIRCEU Doretto



Secretário Geral :
Shariff KURBAN



Secretário :
José LEITE Fernandes

Carta aberta ao Professor F. A. de Moura Campos

Senhor professor:
Sob a forma de carta aberta, endereçada a V.S., procurei tecer alguns comentários, que julgo oportunos, a respeito da situação dos alunos desta Faculdade em relação à cadeira de Fisiologia.

Tomarei como ponto de partida, considerações publicadas no número precedente de "O Bisturi", por um colega de outra série que não a minha, e tentando acrescentar algo de meu a tais considerações, usando da maior moderação e serenidade, na minha opinião exigíveis da juventude.

Se tal não me for possível cumprir até final, peço-lhe antecipadamente que perdôe algum arroubo meus reprimidos.

Lendo último número de "O Bisturi", deparei-me entre outros, um artigo de caráter sério, endereçado ao Departamento de Fisiologia.

Após um breve intróito, rapaz chega à conclusão de que "o nosso curso é dado de uma tal maneira, que infelizmente, somos obrigados a confessar: nada se aprende, nada!" Quanto a este ponto, estou de acôrdo, só tendo uma objeção a apresentar: Em um curso superior, é suficiente que o aluno receba do professor uma orientação definida e concisa; o verdadeiro aprendizado, construí-lo-á à sua própria custa, sobre a base assim adquirida, e o esforço pessoal terá então muito maior rendimento. O aprendizado à custa exclusiva das aulas, é impossível de ser obtido em nosso ramo de estudos.

Após enumerar alguns bons departamentos de nossa escola, com as devidas justificações, o meu caro colega cita o incompreensível cartaz: "É proibida a entrada fora das horas de aula." Quanto a isto, só tenho o seguinte comentário; o cartaz deveria ser outro com raras exceções: "É inútil a entrada em quaisquer circunstâncias!"

Compreendo perfeitamente o que sente quem escreveu o referido artigo, ao dizer que não pode haver estímulo em tudo isto, referindo-se à parte experimental.

E compreendo, melhor que ele talvez, esta sua frase: "Não seria por acaso, muito mais interessante estudar as aulas práticas, coisas que nos interessassem mais tarde?"

É isto, porque tais "coisas" já estão me interessando, e como eu já previa, aquilo que todos os alunos do curso básico podem prever, "a Fisiologia e a pedra angular da medicina".

Porque então, Senhor professor, essa pedra angular, essa base indispensável, é tão avaramente escondida das vistas dos que buscam o conhecimento, a ciência, a orientação para sua atividade, para sua vida futura?

Tem plena razão e inteiro direito de perguntar: "com que finalidade viveremos o ano todo a matar sapos, e a estudar os músculos dos mesmos?"

Tem razão porque tal fato não está ao alcance de sua jovem compreensão, como, também, segundo quero crer, nem mesmo das compreensões já mais amadurecidas dos médicos formados nos últimos anos, dos quais tenho ouvido algumas opiniões.

Tem o direito de fazer tal indagação, porque espera de cada cadeira, aquilo que ela poderia e deveria oferecer, a ele, a mim, e a todos os alunos desta Faculdade.

Mas o que sentimos, Senhor professor, é de fato uma decepção, no tocante à sua pedra angular, que deve talvez permanecer escondida no seio venoso de algum miserável sapo, ou no recipiente de Ringer de uma perfusão.

Em vista disto sou obrigado a por em dúvida uma ou outra de duas afirmativas do acadêmico Olívio Stersa; a primeira é: "A intenção dos orientado-

res desse Departamento talvez seja a melhor possível, mas os resultados são os que temos notado: não correspondem às nossas expectativas"; e a outra: "Sabemos que o Departamento conta com professores competantíssimos; porque não hão de empregar seus esforços afim de obter essa melhora?"

Ora, se as intenções dos orientadores são as melhores possíveis, e os resultados não correspondem às nossas expectativas, é lícito admitir-se que os professores não sejam "tão" competantíssimos.

E no caso dos professores serem competantíssimos, por um raciocínio inverso, estará dentro da lógica chegar-se à conclusão de que, se os resultados

alcançados não correspondem às nossas expectativas, é plausível supor-se que as intenções dos orientadores do Departamento não são "tanto" as melhores possíveis.

E quero crer, Senhor professor, que admitir qualquer uma destas conclusões seria, digamos, ligeiramente desairoso para sua digna posição.

Um outro ponto a ser referido diz respeito à compreensão entre professores e alunos, que eu chamaria o apoio do estudante experimentado ao iniciante; um apoio sincero, leal, espontâneo, do qual decorreria a mais estreita coordenação (no bom sentido do termo) de esforços de ambas as partes, para a realização do mesmo e gran-

deioso ideal: o conhecimento básico e criterioso, orientador das atividades atuais e futuras do aluno de hoje.

E voltando à questão da orientação, Senhor Professor, creio ser ela o ponto de partida mínimo, e em geral suficiente para a aquisição de conhecimentos indispensáveis, quando ministrada de maneira precisa a um aluno de curso superior.

Deixei pois, este ponto para ser tratado depois do comentário sobre o citado artigo, expondo fatos pessoais, meus, concomitantes e posteriores à minha passagem pelo seu Departamento, os quais, quero crer, sem exagero, se aplicam à grande maioria dos alunos desta Faculdade.

Em primeiro lugar, por um princípio de franqueza e honestidade relato que fui reprovado na cadeira de Fisiologia, ao cursar o 1.º ano, tendo-a então por tal motivo, cursado como dependente, durante o meu 2.º ano de curso médico.

Sem comentar a justiça ou não justiça desta reprovação, em que tive mais de uma dezena de companheiros de "mau passo", quero referir que ao cursar o 2.º ano médico, fui aprovado — sem oral — tanto no 1.º como no 2.º ano de Fisiologia com os seguintes totais de pontos: 1.º ano: 31 2.º ano: 25.

Ora, uma vez que o grau de aproveitamento, segundo a legislação escolar da Faculdade, é avaliado pelas notas obtidas em exames, e pela frequência dos alunos, é de se supor, sem que eu seja taxado de vaidoso, que não fui um aluno relapso (deve ser levado em conta, por bem ou por mal, que nesse período não assistí às aulas do 1.º ano, demonstrando, a meu ver, a pouca importância da frequência, pelo menos a certas aulas).

Entretanto, o que lucrei? Qual foi o meu aproveitamento real, útil? Qual a orientação por mim trazida, através desses 2+1 anos de Fisiologia?

Muito pouco, Senhor Professor, posso assegurar-lhe com sinceridade.

Numa breve súpula, posso dizer, sem remorso, que na verdade, foi proveitável a orientação que recebi sobre os conhecimentos de Fisiologia, no que diz respeito aos assuntos de: Respiração, Digestão, Nutrição, Endocrinologia, e pequena parte de Fisiologia Nervosa, estudada que foi esta sem as prévias noções da parte correspondente de Anatomia.

Tenho a impressão de que este saldo é um tanto insuficiente digamos assim, para um curso ministrado durante dois anos e que para mim (à minha revelia) durou três anos; entretanto, nem todos são contemplados com a dependência, e muitos dos que o são sofrem nova reprovação.

E para terminar, acrescento um fato que contribui para diminuir em relação ao meu, e sem levar em conta fatores outros, o saldo dos alunos atualmente cursando o 3.º ano: não lhes foi ministrada a parte de Fisiologia da Respiração.

Senhor Professor: num regime de liberdade e espírito universitários, as considerações que acabo de emitir, não têm o caráter de queixa ou de revolta que alguém lhes possa talvez querer atribuir.

Ousei dirigir-me a um Professor, de maneira espontânea e leal, esperando de sua parte compreensão e boa vontade.

O renome da nossa Faculdade é ímpar, e todos os alunos, bem como V.S., têm por tal, justo motivo de orgulho.

Está nas mãos de V.S., como professor, contribuir para que tal situação se mantenha.

E agradecendo a atenção que por ventura dispensar V.S., a estes comentários, subscrevo-me cordialmente. *Guilherme Moreira Leite*

ANGUSTIA

Só quem tem um grande equilíbrio interior, o qual é fruto da santidade, é feliz. A felicidade é esta harmonia da alma no gozo profundo do bem, o sentimento íntimo de que somos justos nos leva a esta paz inefável, que se traduz por uma calma exterior em certos momentos por uma grande alegria de sentir o bem, a sua proximidade. Estado oposto, angústia, à cada intervalo de introspecção, é o sentir-se desviado desta senda de justiça. E' então que o homem procura em torno de si elementos que o façam esquecer-se deste estado cruciante do sentimento do mal. A procura do prazer, em todas as suas formas é a senda de desvio, de derivação. O homem procura usar corpo e espírito a todo momento de forma a se afastar deste auto-julgamento que o faz sofrer penosamente. Ele observa que se distancia mais e mais da verdade. O equilíbrio rompeu-se. O homem sente-se só, sem o apoio do julgamento da consciência: está isolado, é muito infeliz. Sentimos nestes instantes

que a consciência clama, como se fossemos ínfimos entes, num minúsculo mundo e com toda a potência do infinito e do eterno sobre os ombros. Sofremos, mas como neste estado repugna o sofrimento, o homem decorre por todas as vias possíveis e imagináveis. O bom julgamento dos indivíduos e suas ações, cessam.

O nosso critério de valor é totalmente guiado pelas perversões do sentimento do bem e justiça. E' claro que nossos juízos deixam de ter o balanço ideal como acontece ao justo. São eles variáveis com o tempo e o estado d'alma e não se guiam pelo ato em si. E' o que vemos no mundo de hoje, como reflexo do que se passa no pequeno mundo de cada alma. O mundo atual é um caos em desequilíbrio, com universo de pequenos mundos desequilibrados. Assim vemos o estado de insatisfação íntima que predomina e causado pelo desequilíbrio.

A humanidade sofre e se angustia. *SIBARITA*

Médicos e cientistas

Têm-se dito que a nossa Faculdade não forma Médicos, mas sim Cientistas. E isto seria verdade se os alunos correspondessem ao desejo de muitos de nossos professores.

Ora, nós frequentamos uma Faculdade de Medicina, não uma de Cientistas.

Mas certos de nossos professores não vêm na turma 80 futuros médicos, mas 80 futuros cientistas, especialistas em "tal ou qual" cadeira.

Será que algum otimista (ou pessimista?) acredita que um médico, mesmo um cirurgião, precisa de toda aquela absurda Anatomia que o Prof. Lochi nos obriga a estudar? Como assim, se esta é a única escola do Brasil que exige tanto, e há muito bons médicos de outras escolas? Por não se saber se uma artéria passa exatamente por cima de um sem importância processo ou um pouquinho medialmente, será possível que o indivíduo deva repetir o ano? Nenhum de nós pretende chegar ao ponto a que chegou o altamente didata (sejam justos) Prof. Lochi, um dos maiores anatomistas do mundo: pretendemos ser, tão somente, médicos, não anatomistas.

E o Departamento de Anatomia (inegavelmente um dos melhores e mais bem organizados da Faculdade), nos anos seguintes, segue a mesma orientação. O competantíssimo Dr. Aidar nos vê como 80 futuros neuroanatomistas. É um absurdo, pouquíssima gente aguenta algo tão aborrecido. E somos todos reprovados.

Dr. Paula Santos vê na turma caloura 80 futuros fisiologistas, ou quem sabe se seria melhor usarmos o

termo vulgarmente empregado, futuros "sapologistas", com os inúteis sapos levando choques e contraindo o gastrocnêmio. Não seria melhor, em vez de dar mil e um gráficos de circulação, o que só interessa a quem vai dedicar-se à Fisiologia, dessem o que interessará ao médico? O mesmo se aplica às proverbiais tabelas do Prof. Franklin.

Naturalmente, esta regra não é geral. No Departamento de Microbiologia, por exemplo, ensinam-nos aquilo que o médico precisa saber, aquilo de utilidade ao futuro médico. As grandes pranchas com longuíssimas classificações de bactérias, cogumelos, etc., lá estão, para quem quiser decorá-las, mas de modo algum exigem que a saibamos de cor. Reconhecem que nos 80, talvez haja 1 ou 2 futuros da futura Microbiologia Brasileira, mas sabem muito bem que cerca de 78 serão médicos. Neste particular, tiro o chapéu e presto homenagem ao avigo de todos, Dr. Lacaz, o tão conhecido Lacazinho que todos estimam, que prepara o tanto quanto pode, para sermos médicos, não pretende que tenhamos mais tarde um décimo de sua notável competência.

Que bom seria se todos tivessem tal compreensão!

Certa feita, conversando com um assistente, este repetiu uma frase do filho espiritual do grande Bovero: "O saber não ocupa lugar", mas acrescentou que ocupa tempo, possível de se empregar em algo mais proveitoso.

Grandes mestres, orgulho do Brasil por vossa notável sapiência científica, lembrai-vos de que desejamos ser MÉDICOS. *Futuro MÉDICO*

EM RESPOSTA ÀS LOURENCADAS

São Paulo, 8 de Agosto de 1946.

Prezados amigos e colegas responsáveis pelo "O Bisturi".

Saudações:

Eu não poderia deixar de lamentar a atitude mesquinha e indigna de um nosso colega, quando escreveu para "O Bisturi", o artigo referente à minha humilde pessoa. Não me interessa saber quem foi o autor do referido artigo. Baseio-me nos fatos Julgome no dever de mostrar que os fatos partilhados de colega mal intencionado, que não ponderou susceptibilidades, nem tampouco visou consequências ao menosprezar a dignidade de outro colega. Custa-me acreditar que os disparates escritos, sejam de autoria de um 4.º Anista. Já é tempo suficiente de ter recebido educação e cultura. Já é tempo dele compreender que saber brincar é uma arte. Tentar ser artista: humorista e fazê-lo ofensivamente, é falta de bom senso e ser ignorante. Para um indivíduo como esse, que viza espezinhar, será provavelmente um inápto à vida social, e a melhor receita é menosprezá-lo e conferir-lhe o que ele mais precisa: educação e dignidade.

Vejo também com tristeza que os colegas responsáveis pelo "O Bisturi" incidiram em erro, uma vez que concluíram aspiciosamente com o referido colega ao permitirem a publicação do artigo.

O Bisturi é um jornal para divertir os colegas dos fatos e boatos da vida escolar e não anteparo para palhaçadas inverídicas que atingem a sensibilidade moral de colegas que nada fizeram para merecê-las.

Julgome, julgam opiniões unânimes de outros colegas que o artigo foi por demais acre e espero que com esta reação natural, sincera e verdadeira seja suficiente para mostrar aos que incidiram neste erro, não cometerem outro, que vize empanar o brilho do nosso querido e conceituado jornal e que tente indubriar a limpêz das brincadeiras.

Abraços sinceros,

Joaquim Lourenço

ATENÇÃO

Voluntária ou involuntariamente, pouco importa, o fato é que eu ouvi a conversa de dois que ficam nas alturas de um estrado de dez centímetros acima do solo.

— Pois é, comentava um, belos tempos aqueles. Respeito e mais respeito. Também naquele tempo não havia frangotes impúberes a provocar gritarias dignas dum Jardim de Infância, nestes sagrados corredores. Ah! belos tempos. Não havia filhos de imigrantes, todos de família, todos de linhagem. Aquilo é que era escola. Hoje está tudo mudado, não há mais respeito. Não acreditam mais na nossa infalibilidade, na ciência em que pontificamos, na ciência que dominamos (sic). Imagine que até dormem em minhas aulas. Dormem!!

E o negócio foi por aí afora e eu como estava com sono fui para o anfiteatro dormir. Então, então sonhei:

Era uma vez uma Faculdade de Medicina. Os professores não tinham teias de aranha nos óculos nem poeira no cérebro. Conversavam amigavelmente com os alunos, franqueavam suas bibliotecas, emprestavam livros, sabiam e ensinavam Fisiologia (nem sapos nem cronaxia), Clínica, Terapêutica, Pediatria (Pedriatria!). A Biblioteca possuía varios exemplares do mesmo livro e nos emprestavam. Os assistentes não fugiram dos alunos. As aulas duravam no máximo 45 minutos e ninguém dormia. Todos os anos formavam médicos, sim MEDICOS. O Secretário atendia todos com urbanidade e o Diretor dirigia a Escola. Que paraíso.

De repente levei um cotução e acor-

Visita ao Departamento Feminino

Graças a um gentil convite de seu presidente, tive a oportunidade, que a todos deveria ser dada, de visitar as dependências do D. F., que muitos irreverente e injustamente, chamam "buchário".

E qual não foi minha surpresa, meu deslumbramento, ao ver que as moças, tendo mil preocupações estudantinas, às voltas com Chiarugi, Testuts e outras coisas maçantes que há em nosso curso, conseguiram realizar um departamento modelo limpo, mobiliado com arte e bom gosto, confortável, enfim, criaram um ambiente tão fino e amigável, que as moças se sentem como se estivessem na própria casa.

Duas salas de estar, uma sala de visita, com mobiliário fino e moderno, adornadas com lindos vasos e belos quadros.

Sala de recreação com pingue-pongue, xadrez, jogo de dama; sala de conferências, salas de estudo e uma fina biblioteca que, por manobras da política, ficou sem os preciosos livros a custo conseguidos pelas atuais sócias.

E quem diria que as moças da Faculdade, diariamente em contato com as agruras, rudezas e sacrifícios que um curso de medicina impõe, longe dos seus lares a maior parte de seu tempo, ainda pudessem ter alma genuinamente feminina, delicada, sensível, como demonstraram a todo visitante que percorra as dependências do seu departamento.

Finalmente, as moças da Faculdade têm onde ficar nos períodos entre aulas, no período de almoço, quando têm que tomar refeição no H. C. ou no "nosso" Restaurante.

Isso tudo foi conseguido na última gestão, pela sua presidente Cléo com a colaboração de todas as moças, cheias de entusiasmo e vontade.

Não quero cometer injustiças: se algo foi projetado em outra época, não sei, mas o fato é que somente este ano conseguiram uma séde á altura do seu merecimento. Admirável o es-

fôrço de Cléo, moça viva, inteligente e realizadora.

A atual diretoria do D. F. as alunas da Faculdade devem, entre outras cousas, o seguinte:

1) — Sala de estar para moças no H. C. com caixas e outras acomodações.

2) — Quarto de dormir para moças em plantão no H. C.

3) — Curso de ginástica bi-semanalmente no Estádio do CAOC.

4) — Reforma completa das instalações, salas de jogos, salas de conferências, etc.

5) — Quanto á partesocial, as moças levaram a efeito um baile no Estádio do CAOC, cujo exito foi tal, que o próprio solicitou colaboração ás moças, para promoverem bailes em conjunto.

O primeiro baile, note-se bem, foi realizado exclusivamente pelas moças e o sucesso foi sem precedentes — deixou saudades.

6) — Ainda na parte social, o D. F. tem realizado palestra sobre filosofia, agóra dadas pelo Padre Calazans.

7) — Promoverão, também, em breve, uma excursão monstro (aqui não há panelas), para a qual convidarão todos os alunos da Faculdade.

8) — No campo da solidariedade humana, além de colaborarem nas campanhas do Centro, pretendem este ano, realizar uma campanha em prol das crianças pobres — a campanha pró-enxovais, que serão distribuidos pelo Natal.

Ninguém deixará de aplaudir tal iniciativa, profundamente humana, bastante de acôrdo com o fundo cristão de nossa gente.

O êxito já está pois garantido.

Enfim, muito poderia ser dito ainda sobre as atividades do D. F., que, tendo á frente a dinâmica Cléo, constitui um legitimo orgulho de nossa Faculdade e um exemplo de realizações digno de ser imitado.

Parabens pois ao D. F.

SHARIF KURBAM

Uma história de "escovas" no H. C.

Há dias, aportou no H. C. um camião trazendo uma encomenda de 566 "escovas", novinhas, bonitinhas e durinhas. O Centro Cirúrgico, interessado em renovar o seu material, distribuiu as respectivas, para as diversas salas cirúrgicas. Ao serem usadas, no tararam os médicos, que de fato, as tais escovas estavam um pouco "dura". Pelos braços dos Plínio chegaram a correr estrias de gordura, após as primeiras esfregadas. Os mais inteligentes achavam que "cacos de telha" eram mais macios que os pêlos de tais limpadores. Antes os protestos dos mais exaltados, ouvia-se sempre a voz profética de alguma representante do Centro Cirúrgico — "Doutor, a escova vai amolecer com o tempo e não mais o machucará...". Os pelefins, queriam até desistir da Cirurgia, porém, embora pequena, havia a esperança de que tudo se amoleceria com o tempo (pelo menos o cérebro de quem distribuiu "aquilo pelas salas...").

Eis que um dia, o dr. Martins Costa que está acostumado a lidar com "cavalos", protesta em altos brados, pois que os seus animais, de há muito-

que não eram rasqueados, pois uma encomenda de meio milheiro de "rasqueadores" ou "escovas" segundo o Centro Cirúrgico, tinha desembarcada, por engano no Hospital das Clínicas, em vez de no Jockey-Club.

Muito a contra-gosto a chefe do Centro Cirúrgico, para não magoar o dr. Martins Costa (que é amigo e da escola do Prof. Luciano) determinou que tais escovas fossem recolhidas e enviadas às cocheiras do nosso Prado, para os seus legítimos e mais acertados donos. E isto com grande alegria para os nossos "montenegrinhos", "vasquinros", "alpinhos" para as suas respectivas namoradas que assim terão uns braços e mãos lisas para pegarem...

(se continuar assim, não será de admirar que, algum dia, em vez de "almoço" será servido "capim" aos médicos e estudantes do H. C., dado que os conhecimentos de zoologia não andam muito às claras por lá...)

K. K.

dei! Fora beliscado por um colega que me avisa dos olhares do magister.

É, só podia ser sonho. Será tão difícil viver assim? Senhores professores saibam que 45 minutos de aula já são causativos, o resto nem se ouve; saibam que muitos de nós trabalhamos á noite e que discursos estereis só nos levam ao sono. Aulas extensas e mal preparadas não são aproveitadas. Saibam que a finalidade desta Escola é formar MEDICOS e não dar atestados

de formatura. Saibam que queremos ser Medicos e não portadores de "di-reito de assinar um atestado de óbito". Queremos aprender. Eusinam-nos, transmitam-nos as suas experiências, os seus conhecimentos procurando interessar-nos e não nos afugentem.

E, se não forem capazes disto, sejam honestos, cedem o lugar a aqueles que tem vontade e podem fazê-lo.

Castão

Uma semana em Itanhaem

Em começo de Julho último, um grupo de universitários foi para a colônia de férias da JUC passar uma semana.

Eram dois politécnicos, (bons sujeitos), um engenheiro do Mackenzie, e 14 da nossa Faculdade.

Muito embora o tempo jogasse de bandido com eles, a semana foi divertida e compensou bastante, uma vez que tiveram descanso visual e auditivo dos nossos caros mestres (mas felicidade nunca é completa: Dr. Calazans estava, mesmo, lá).

Não haveria tempo e espaço suficiente para se relatarem todos os incidentes interessantes e engraçados ocorridos nessa agradável semana.

Ninguém tinha direito de ficar triste, uma vez que da turma, fazia parte o tão camarada e engraçado Callia; sempre de bom humor, punha neste estado qualquer pessoa, estava sempre alegre, ficou até conhecido em Itanhaem como o "Homem Feliz" (the happy man, como ele próprio se apresentava).

Seria impossível deixar de fazer referência á ação de Cupido, pois quase todos foram atingidos. Passaram bastante o baci, mas, sejamos justos, foram muito bem sucedidos: que o diga o pobre Ratinho, que perdeu a cotação completamente por causa de nossos simpáticos colegas. Com exceção do Candelária, Amaral Zé Tatá, que se fingiram de durões por motivo ocultos, os mais não se pouparam. O Callia voltou rezando exclusivamente para Sta. Terezinha; por homonímia o Pequenininho tem extra-sístole sempre que vê uma certa colega sua; o Galaor, Fábio, etc., também jogaram de galãs, mas o mais bacana foi o Geraldo Bourroul; este se espalhou, não deu folga nem descanso a nenhuma caçara. Até o Iraní, com aquela cara, quiz conquistar.

Mas houve mancha de um colega (por exemplo, Fábio) com este ou aquele outro. A consequência foi a fundação de uma Ordem, da qual o Taaales (diga-se o a com esforço) foi unanimemente aclamado Grão-Mestre, por ter recebido pelo menos duas comendas "no curto espaço" de uma semana; foram agraciados com comendas os Comendadores Juca (Isern) e Sabaga.

O Zé Tatá esteve apático como sempre, o Candelária com a pose de chefe da Colônia. Mas como disse há pouco, a felicidade nunca é completa, e o Amaral, quando não estava na praia sonhando á luz da lua punha todos amigos com dor de ouvido com sua lamentável gaita.

Numa das noites, fizeram uma fogueira na praia e serviram quantão; talvez seja este (o quantão) o motivo de terem, mesmo, Dr. Calazans e Zé Caneta, hospedados na vila, ido á Colônia; alegrados pelo étílico cantou-se bastante.

D. Benta foi muitíssimo camarada, mas o Prof. Alexandre Correa isolou-se demais das rapaziada.

Numa das noites mais frias, o Tales roubou o vobertor do Callia, que até encolheu de frio.

Não encontro palavras para contar o sucesso sem precedentes dos nossos colegas nos bailes itanhaenses; eram os reis de qualquer baile, o Bourroul (galã-mor) que o diga.

Os espíritos de porco que foram não conseguiram esconder a água de coco contida nas fossas endocrânicas anterior, média e posterior e, na última noite, esconderam os cobertores, deram nós nos pijamas, desmontaram camas, acordaram os que já haviam dormido, etc. Tal foi a raiva do Sabaga, que este passou a noite vomitando; vomitou até as visceras.

É com tristeza geral que, "ouve-se ao longe, na estação, o apito do trem", e esta turma "de matar passarinho" voltou para S. Paulo, cantando e contando as aventuras de Itanhaem...

O AMIGO DA ONÇA

SEÇÃO LIVRE

Chapa Renovação

Por um C. A. O. C. mais forte

Por um C. A. O. C. mais prestigioso

PRES :	Oswaldo MONTESANTI
Vice Pres. :	Paulo A. HOMEM de MELLO
1. Secretário :	Carlos de Moraes ARANTES
2.º Secretário :	Lísias Cerqueira do AMARAL
1.º Tesoureiro	Oswaldo P MARIANO (Ap.)
2.º Tesoureiro :	WALDYR Prudente de Toledo
1.º Orador :	ALVARO da Cunha Bastos (Ap.)
2.º Orador	Antônio Augusto ARANTES
Dir. de Esportes :	Luiz PAVESIO

SEÇÃO LIVRE

VOTE NA

Chapa Branco

IDEAL - ESFORÇO - TRABALHO

PRES : Carlos da Costa BRANCO
Vice Pres. IRAJA' Lopes Ribeiro
1.º Secretário : AMÉRICO dos Santos
2.º Secretário André R. CRUZ
1. Tesoureiro OSWALDO Monteiro de Barros
2.º Tesoureiro Jorge A. CALDEIRA
1. Orador : ÁLVARO da Cunha Bastos
2.º Orador : Walter BELDA
Dir. de Esportes . Alfredo Duarte CABRAL

ELEIÇÕES DE 1946

O CRANEO

Ao colega W. Callia

Repousa de meu quarto sobre a mesa
o crânio de quem foi não é mais,
que amou talvez a vida e na pobreza
perdeu as ilusões e os ideais;

E nesta caixa nua em pensamentos,
em noites frias de labuta insana,
vou dilatando meus conhecimentos
sobre a justiça e desventura humana.

Mas quando sobre a mesa chama oscila
eis, que se anima o crânio em pranto e riso,
enquanto ao longe vendava sibilas.

E diz, movendo descarnado visio,
"Dá-me repouso, leva-me contigo
rebuscar a paz de meu jazigo"

TULIO MIRAGLIA

DESEPERO

WALTER

Os trilhos se juntavam na distância
eu ainda esperava o aceno
de teu lenço branco.
E a noite veio com ela o desejo
de ver-te novamente.
Tanto tempo juntos
eu nada disse de meu amor!
Quanto esperaste palavra que nos uniria
eu não sei...
Sei que nos teus olhos lindos
ainda vejo os meus olhos tristes,
tristes porque não partiste,
porque estás ao meu lado,
eu não posso dizer o quanto te amo!

PREDESTINAÇÃO

Qual duas paralelas, nesta vida,
Afastados erramos tristemente,
Eu, possuído de um amor ardente;
Tu, de um amor ardente possuída.

Rígida geométrica implacável
Desunidos nos trás nesta existência,
Leis humanas de fera intransigência
Impõe-nos distância inexorável.

Matemática vã! Serás vencida
Quando, cansada da terrana vida,
Do infinito rompendo o imenso véo

Nossas almas vencendo o ingente arcano,
Galgarem o império soberano.
— E as paralelas se unirão no céu!

MOISÉS — Jári 42.

Ambiente viciado, o fumo, o alcool,
Um piano que geme,
Rostos magros e tristes,
Olhos cismadores,
Corações com um mesmo sentimento,
São os Boêmios.
Para eles a noite não é apenas noite.

Dormem as crianças,
Acendem-se as luzes,
Sonha a cidade na negridão do espaço!
E o boêmio vive, o boêmio sofre, o boêmio lembra...

Dormem os jovens,
Sonham com os seus amores,
Sonhando vivem felizes uma vida de amor e de sonhos;
Sofre o prisioneiro na eterna cela,
Geme o moribundo no fatídico leito,
Suga a criança um peito doente,
E sente fome, choraminga de fome;

NOITE DE BOÊMIA

Maltrapilhos, abatidos pelo tempo e pela noite,
Varrem as ruas, varrem
Como se varresssem as misérias da própria vida:
Cambaleia o bêbado pela deserta rua,
Luta o crente contra as tentações da carne,
E o livre goza as delícias de um belo corpo,
Sente no corpo o sexo, no sexo a própria vida.
E o boêmio vive, o boêmio sofre, o boêmio lembra...

Lembra boêmio!

Oh! amores que ficaram pela estrada da vida!
Oh! ilusões que se dissiparam ante à realidade!
Oh! sonhos que não resistiram ao tempo!
Oh! dor porque me punges o peito?

Mas é noite, a noite do sofrimento,
Noite de boêmia!!

Março de 1946

LAERTES FERRÃO

DESEJOS

ASTOR DIAS
(da Faculdade de Direito)

Nas rugas rendilhas de teu leito,
quero naufragar êbrio de gozo.
Quero depois, num êxtase amoroso
beijar-te as formas do corpo perfeito

Depois, inda beijando insatisfeito,
quero beber o vinho capitoso
das rubras taças do busto formoso
Desse teu corpo para o amor eleito.

Eu te quero assim, nua e triunfante
das volúpias da paixão bacante.
Quero teus seios nus, alabastrinos...

Quero beijar teus lábios assassinas
morrer satisfeito e sem defesa,
dobrando a força de tua fraqueza.

A CANÇÃO DO MARABÁ

O sol desponta no horizonte lindo,
e o galo canta no terreiro já;
envalta em sonhos despertou sorrindo,
a moreninha meiga,

tra - lalá - lalá

Envolta em sonho despertou cantando,
e tão depressa vai tomar chá;
sorrindo em festa e em gorgeio brando,
a moreninha canta,

tra - lalá - lalá

Nos verdes prados passarinha i sol,
onde em gorgeios canta o sabiá;
e nuvens negras pelo azul de escol,
desventurada, fogem

tra - lalá - lalá

Só, pela estrada, um boiadeiro canta,
lembrando uma canção de marabá;
ouve em segredo as trovas de uma santa,
que vão morrer nas selvas,

tra - lalá - lalá

A moreninha do sertão infante,
de minha terra, (minha mãe sinhá!)
sente em silêncio que lhe vão fugindo,
os pensamentos d'ouro

tra - lalá - lalá

E ao meio dia, natureza inteiro,
vestida em lã branca caeté,
vai lembrar, enfim, por quem faceira,
a moreninha espera.

tra - lalá - lalá

Fenece tarde pelo céu deserto,
a rôla triste como tal não há,
sósinha geme (não sei bem ao certo!)
a moreninha chora,

tra - lalá - lalá

Declina o sol, no horizonte lindo,
destraldando-se um viril jequitibá;
as nuvens negras pelo céu vêm vindo,
a moreninha reza,

tra - lalá - lalá

Passa a lua pela noite escura,
bordando, em traço firme, voz de Alah:
"espero Vossa graça" — Deus murmura,
a moreninha meiga.

tra - lalá - lalá

Refulge a lua na mansão celeste,
moldando, orvalho, flor-maracujá;
resurge a vida no rosai cipreste,
a moreninha sonha,

tra - lalá - lalá

ROBERTO BRILIO

Assembléia Geral Extraordinária do C. A. O. C.

A Assembléia estava marcada para às quatro e meia. Graves assuntos deveriam ser ventilados.

Entretanto, até às cinco, somente haviam umas cincoenta escassas assinaturas. Uns sugerem que se inicie a Assembléia com qualquer número. Outros que se vá buscar os calouros para completar as cem assinaturas exigidas. Outros, ainda, querem o adiamento. De vez em quando aparece alguém que assina o livro, sob os aplausos da torcida e se retira. Aparecem mesmo algumas representantes do D. F. Mas os assobios são muitos e elas logo se retiram.

Por fim a coisa começa. O Farina pede silêncio. Sentados à sua direita estão Abreu e o Chamberlain; a esquerda o Branco.

A primeira dúvida é exposta. Longas discussões. Protestos. Como o Jabara não está presente para citar estatutos, um outro qualquer o substitui com "foras" de outro gênero.

Entra uma colega. Assobios. O Farina interrompe o discurso, ageita os óculos, alinha a farda e olha. A "boa" se retira. Protestos.

Considera-se aprovada a primeira resolução e passa-se adiante.

Mais alguns foras. Fala-se em demagogia barata e outras coisas assim. Mais alguns papites errados. O Forças dá o seu fora.

O André quer falar mas seus amigos não deixam. Volta-se à primeira questão (já encerrada). Discute-se mais um pouco. Toma-se finalmente uma resolução contrária à anterior. O Chamberlain, (secretário do Centro e da Mesa) quer saber de que se trata,

afinal de contas, porque ele não entende nada.

O Zé Caneta se levanta mas pensando melhor, senta-se sem nada dizer. (Foi maior "dentro" da Assembléia).

Sugerem-se medidas violentas: o Enéias deverá ser enforcado, esquartejado, seus descendentes declarados infames até a terceira geração. Na hora de atar o guizo ao gato, a coisa como era de se esperar, se torna mais encerrada.

Passa-se a outras questões. Mais palpites errados. O Carril volta à primeira questão. Vaia. O Farina manda que se processe a votação lá á manei-

ra dele. Tentarse falar em política. O Farina não deixa. O Blimp sugere uma solução genial para os problemas, mas re ouvido do chateadíssimo Fehér que está bocejando escandalosamente ao seu lado.

Fala-se em dinheiro. Conta-se as dívidas anteriores e as promessas para o futuro.

O Renatinho levanta-se e pede um cafezinho. Vaia estrondosa.

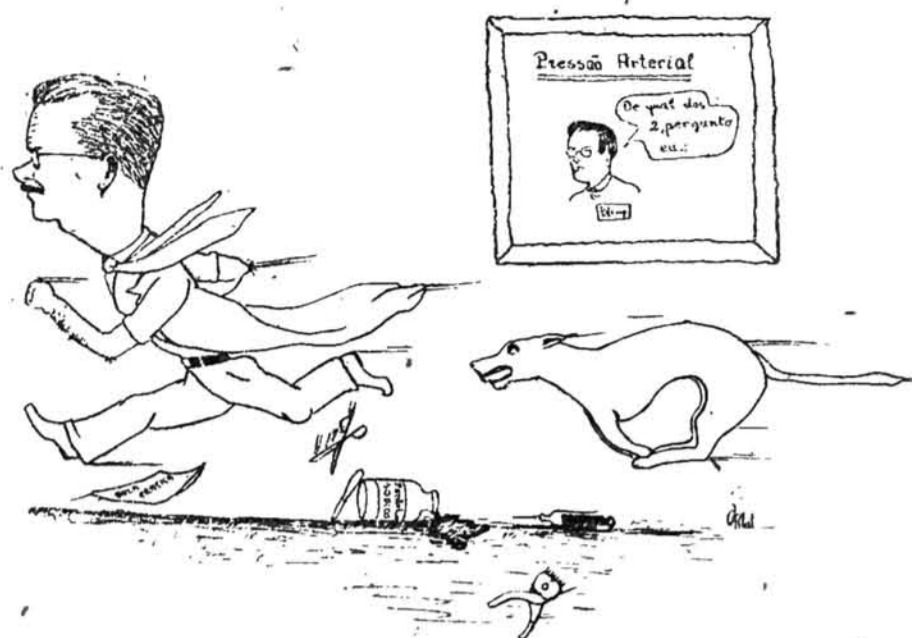
A sugestão proposta pelo Alvaró é naturalmente recusada.

O Abreu fala e se acalora.

O Farina consulta o relógio.

Finalmente resolvem adotar as atitudes tais e tais. Quando? Só Deus o sabe ou talvez nem Ele.

Finalmente, com satisfação para todos, mais uma Assembléia Geral Extraordinária do Centro Acadêmico "OSWALDO CRUZ" dos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo é encerrada exata-



Noticias do 2.º Ano

- 1) O Tito vai tirar patente da canção: Quando eu volto do trabalho...
- 2) Se continuar o jogo do "mesmo" vou ficar milionário. (a) Suzuki
- 3) Vou deixar de usar gravata borbotada pois a turma já me cumprimenta com segundas intenções. (a) Cardoso
- 4) O Dr. "Wirson" que saiba que não tenho nada contra a Fisiologia — Gomes Uchoa
- 5) Mais um baile e eu conquisto a

- irmã do calouro — Flavio Sera que eu viro japonês? — Paulinho
- 6) Não estou gostando. Este ano os professores estão mais chatos do que eu. — Uszer
- 7) Vim a aula porque não tinha nada que fazer na cidade — Jamil Barba Azul.
- 8) Agora estou na berlinda, o Lor-di só fala em mim. — Fetiño
- 9) Os dependentes de Fisiologia estão contentíssimo com a campanha contra esse departamento. — Amigo da Onça
- 10) Desculpe Professor Calazans, outro dia cochilei na aula. Perdoe-me, sim? — Laplace — (blembem)

Emclindo

mente como qualquer outra: isto é com muitas coisas que deverão ser feitas e serão feitas algum dia talvez... —

SEÇÃO LIVRE

Pelo C. A. O. C.

VOTE NA

Chapa Nebó

PRES

Plirts NEBO'

Vice Pres.

Wilson FUNFAS

1.º Secretário :

Miguel BOVE Netto

2.º Secretário :

José SCHNAIDER

1.º Tesoureiro

Oswaldo Pinto MARIANO

2.º Tesoureiro :

Roberto VIGNOLA

1. Orador :

Paulo Emilio VANZOLINI

2.º Orador :

Roberto BROLIO

Dir. de Esportes

Domingos LABATE (Apoiado)

Uma escola, um bar, uma encresca

O tema é velho e enfadonho, mas nunca será demais uma paulada. O ponto a que chegou o bar é realmente vergonhoso para seus responsáveis e doloroso para os Alunos e demais infelizes obrigados a se submeter aos desserviços.

Se a memória não me falha, quando Luiz, saudoso Luiz, foi despedido, falou-se que, passando o bar para a propriedade da Escola, teríamos serço mais eficiente, refeições abundantes, limpas e saudias. Os preços seriam mais baratos do que na cidade, coisa lógica, aliás, considerando-se que aqui não se pagam impostos, não se paga aluguel e não há finalidade lucrativa. Entretanto, o que se vê?

No começo o bar era limpo e a desorganização reinante era levada na conta do fato de ter sido bar aberto às pressas. (depois de cerca de cinco meses fechado) e de não ter o pessoal experiência (vá lá, Afinal, se a coisa provisória, deveríamos ter um pouco de paciência, esperar que com o tempo tudo melhorasse.

Passou-se o tempo. Já não há o pretexto da falta de experiência. O material e as instalações provisórias já tiveram tempo de ser substituídas pelos definitivos.

E o que se nota? Que ponto de seu programa foi ou deixou de ser cumprido? Vejamos:

Serviço Rápido. Eficiente É um

ponto que não admite discussão. A lentidão com que se serve o café é de desesperar um Job. Quem estiver com muita pressa deve ir até o bar da esquina. E quem não quiser sair, deverá implorar nunca esquecer de solicitar o aquecer.

Refeições Abundantes saudias e Limpas Raros são os alunos que não preferem pagar Cr\$ 8,00 ao Eneas no hospital do que Cr\$ 6,50 na escola por um almoço. Se considerarmos, agora, que as refeições no hospital também estão longe de serem satisfatórias, será difícil imaginar o que seja almoço no nosso bar.

Preços Baratos Os preços cobrados no bar são geralmente iguais aos co-

brados na cidade, que significa que os lucros são muito maiores, isso numa organização (ou melhor, desorganização) sem fins lucrativos.

A par disso, porém, foi instalado um amplificador para vitrola, afim de termos almoço musicado. Muito agradável (depois de música) mas com pensar alguma coisa?

Seria interessante que os Ilustres Professores da Comissão se servissem do bar, descendo de vez em quando para tomar um cafezinho (desculpe, Renato). Não digo que deveriam também almoçar aqui porque poderiam julgar que lhes guardo rancor.

Martir do Aracá

IX Congresso Nacional dos Estudantes

Realizou-se na sede da U.N.E., a agremiação que reúne todas as escolas superiores do país, com sede no Rio de Janeiro, o IX Congresso Nacional dos Estudantes que anualmente congrega a mocidade universitária brasileira.

Foi a seguinte a exortação com que a U.N.E. se dirigiu às associações estudantinas do país:

CONVOCAÇÃO

COLEGAS:

A União Nacional dos Estudantes conclama os universitários brasileiros para a preparação e realização do Congresso Nacional dos Estudantes, a instalar-se na capital da República, em 20 de Julho próximo. Desde já se faz mister, portanto, a mobilização dos esforços de todas as entidades estudantis, em prol de um Congresso à altura das tradições universitárias. Nêle deverão ser debatidos e resolvidos todos os problemas afinentes à coletividade estudantil, pelas propostas de soluções práticas que venham tornar o ensino mais acessível aos menos afortunados, reduzindo os preços das taxas e mensalidades, melhorando as condições de vida dos estudantes, tratando da moradia, alimentação, dos livros didáticos a baixo preço, enfim, procurar estabelecer bases para maior assistência à classe universitária.

Para examinar e opinar sobre os problemas do universitário brasileiro, a mocidade estudiosa do Brasil reunir-se-á em assembleias convocadas pelos órgãos acadêmicos, os quais credenciarão delegados a fim de apresentarem suas reivindicações no IX Congresso Nacional, que deve refletir a vida em nossas escolas, merecedoras de melhor estado onde possam florescer mais animadas as criações da inteligência.

Nêle se estudará uma fórmula de adaptar o ensino à realidade brasileira, pela remoção dos obstáculos existentes, de qualquer natureza, que impeçam o útil e fecundo desenvolvimento da ciência, da técnica e da arte, acompanhando as experiências e recentes conquistas internacionais.

Os estudantes encontrarão o ensino para apontar a utilidade de imprimir nova orientação às universidades existentes e a urgência de criar outras que preencham as necessidades do número cada vez mais crescente dos que desejam aprimorar o espírito.

Colegas! Participe do IX Congresso Nacional dos Estudantes. Procurem integrar-se no espírito acadêmico que renasce com novas forças no prelúdio de uma era democrática

Sua convocação, instalação e realização — Temario — Eleições — A nova diretoria — Declaração de princípios da Delegação Paulista — A Delegação do C.A.O.C.

Reportagem de MAURICIO FANG

que surge, das cinzas do fascismo, e que nos compete consolidar. Para tanto, participem e cooperem com o centro de sua faculdade, onde deve ser forjado o futuro profissional de cada estudante. As bases firmes de solidariedade e cordialidade acadêmicas de tão glorioso papel no passado, de tanta responsabilidade no presente, de tão grande importância nestes dias, fazem da Universidade um posto de vanguarda na luta comum pela grandeza da pátria.

Estudante! Cabe-lhe um papel na luta das entidades universitárias para tornar a União Nacional dos Estudantes uma poderosa associação de classe, da qual todos participem e que para todos seja útil.

A Comissão Organizadora

Como não poderia deixar de ser essas palavras encontraram eco em todas as agremiações estudantinas brasileiras, que se fizeram então representar por luzidas embaixadas e delegações.

A Faculdade de Medicina compareceu com os seguintes elementos sendo os dois primeiros credenciados:

Duílio Crispim Farina, Carlos da Costa Branco, Francisco de Paula Arbren, Mauricio Fang, Roberto Fortes, Miguel Soeiro, Luiz Magano, Luciano Marques, Lísias do Amaral, Alan Ferreira Braga.

INSTALAÇÃO

O IX Congresso realizado no dia 22 de Julho passado reuniu mais de 80 associações universitárias do país. Todos os delegados ao importante certame estiveram à altura das responsabilidades que lhe pesavam aos ombros.

Souberam definir seus pontos de vista num ambiente de ampla cordialidade e as conclusões a que chegaram depois de longos debates vieram mais uma vez demonstrar que a mocidade de nossas escolas tem o verdadeiro sentido de solidariedade que hoje orienta as gerações moças de todo o mundo.

Estudantes do Norte, Centro e Sul animados do mesmo espírito de ordem sob a égide da liberdade proclamaram a necessidade de há muito imperiosa de se abrirem escolas universitárias na cidade e no campo, proclamaram a necessidade de melhoria das condições de vida econômica, recreativa,

esportiva, sanitaria e didática do estudante brasileiro, proclamaram a necessidade inadiável da elevação do nível de ensino no país e à realidade brasileira.

Defenderam a Democracia como garantia das soluções de seus problemas e da emancipação econômica do Brasil.

O Congresso foi um despertar para a vida para a cultura.

Defe os estudantes tiram os melhores resultados com a experiência que proporcionou saíram fortes e unidos para a realização da renovação técnico-cultural e democrática que ora se processa no Brasil.

SESSÃO DE ABERTURA

A Sessão de abertura realizou-se no dia 22 de Julho às 20 horas na sede da U. N. E., na praia do Flamengo com a presença dos delegados de todos os estados participantes do magno conclave.

A sessão inaugural contou com presença de numerosos professores, rios do governo e dos diversos representantes dos partidos nacionais representantes de todos os ministérios (UDN, PCB, Esquerda Democrática).

Falou em 1.º lugar o presidente da U. N. E. Sr. Ernesto Bagdócio que saudou os conferencistas.

Em seguida desfilaram pela ordem alfabéticas as delegações trazendo a palavra de saudação e apoio dos estudantes que representavam. Finalmente falaram em nome de seus partidos, dos mestres universitários, vários oradores.

TEMARIO

O Congresso esteve subordinado ao seguinte temario:

I — Melhoria das condições de vida do estudante — Teses sobre assistência econômica, sanitária recreativa esportiva e didática ao estudante;

II — Elevação do nível do ensino — Teses sobre adaptação do ensino superior à realidade brasileira e intercâmbio cultural com outros povos.

III — Fortalecimento das entidades estudantes — Teses sobre autonomia do movimento estudantil e maior aproximação das diretorias com a coletividade universitária; intercâmbio com o movimento da juventude do Brasil e do Mundo.

IV — Participação das entidades estudantes na democratização da cultura — Teses sobre a atuação dos universitários no levantamento do nível cultural das populações da cidade do campo;

V — Defesa da democracia como garantia de solução dos nossos problemas — Exames do texto constitucional — Teses sobre amplo movimento para defesa das liberdades fundamentais, emancipação econômica do Brasil, defesa da Paz.

VI — Temas livres.

NOTA: — As teses devem constar de uma fundamentação de tamanho variável, evitando-se mais possível generalidades e os conceitos vagos e concluindo sempre com uma proposta concreta sobre o modo de sua execução.

que foi amplamente debatido e cujas teses aprovadas serão encaminhadas ao Sr. Ministro da Educação e que servirá de plataforma de ação à diretoria eleita de acordo com o regimento interno da U. N. E.

O IX Congresso Nacional dos Estudantes, órgão deliberativo e eletivo da U. N. E., terá por fim:

A) — Desenvolver o sentimento de fraternidade entre as entidades estudantis e estudantes em geral;

B) — Debater os problemas educacionais, sociais culturais, humanitários e econômicos do estudante brasileiro;

C) — Influir perante as autoridades e a opinião pública do país, evidenciando o valor de suas deliberações;

D) — Dientir votar as teses, recomendações e propostas apresentadas em plenário por qualquer estudante;

E) — Remitir todas as resoluções encaminhá-las a Diretoria para constituírem programa de trabalho da gestão 46/47;

F) — Proceder eleição dos membros da Diretoria para o período 46/47.

A delegação paulista pela voz de seu representante, Vicente Marotta Rangel da Fac. de Direito de S. Paulo leu a seguinte declaração de princípios:

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA BANCADA PAULISTA

Ficis aos jovens de nossa geração, que morreram no combate ao totalitarismo, por um mundo melhor, e inspirados nos ideais por que se devotaram ao sacrifício supremo, os estudantes das escolas superiores de São Paulo sentem-se no dever de proclamar, perante os seus colegas de todo

(Conclue na pág. seguinte)

IX CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES

(Conclusão da pág. anterior)

o Brasil, reunidos no IX Congresso Nacional de Estudantes, os seguinte princípios:

1. Defesa intransigente da Paz, dentro dos princípios da carta do Atlântico: Libertação de Mêdo, Libertação de Penúria, Liberdade de Pensamento, Liberdade de Culto.
2. União de todos os brasileiros democratas na luta pela efetiva democratização do país, — base da solução dos nossos problemas, econômico e sociais, sob uma única bandeira: o auri-verde pendão do Brasil.
3. Culto cívico das tradições da nossa terra e dos feitos da nossa gente com epúdio às doutrinas exóticas, isto é, anti-brasileiras e incoerentes com o nosso passado e a realidade nacionais.
4. Vigilância permanente para manutenção das liberdades direitos essenciais, e suas garantias, assegurando eficazmente a evolução progressiva das nossas instituições democráticas, com reconhecimento de caráter democrático apenas aos partidos políticos que respeitem e lutem pela liberdade de reunião, e de organização político-partidária, não somente quando essa liberdade lhes propicie a ascensão ao poder, senão quando também no poder se encontrem.
5. Dedicção constante aos problemas brasileiros, através principalmente de maior compreensão das responsabilidades cívicas e do abandono de demagogias, falsos ufanismos e derrotismos.
6. Integração real nas necessidades do povo, consciência de sua importância, e trabalho ativo no sentido de solucionar-las, maximé no que concerne aos problemas educacionais e médico-sanitários e à luta contra todas as formas de exploração econômica.
7. Educação do povo em geral, dentro dos moldes democráticos e de uma orientação construtiva, com objetivo de possibilitar um nível condizente com a dignidade da condição humana.
8. Democratização do ensino, sua simplificação de maneira a assegurar, progressivamente, instrução gratuita a

todo o povo, nos níveis primário, técnico-profissional, secundário superior.

9. Elevação do nível econômico, educacional e sanitário do homem do campo, através de campanhas e assistência nos meios rurais.

10. Orientação racional para a formação de valores positivos no setor da técnica profissional, em todos os ramos de atividades.

O ultimo dia, dedicado ás eleições, o congresso atingiu o seu apogeu, fervilhando comentários em torno dos candidatos e formando se correntes partidárias apaixonadíssimas. Apesar das numerosas chapas apresentadas os votos se dividiram em torno de 2 encabeçadas ambas por paulistas José Bonifácio Nogueira e José Celestino Bourroul.

A NOVA DIRETORIA DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

— Depois de eleita por uma diferença de 68 votos sobre a sua apositora empossou-se ontem a nova diretoria da União Nacional de Estudantes. Estiveram presentes mais de 500 pessoas, entre elas senadores, deputados e autoridades civis militares.

O pleito eleitoral universitário deste ano foi um dos mais renhidos que já se verificaram. Os estudantes não se conformaram em apresentar apenas duas chapas. Surgiram nada menos de seis chapas.

A diretoria eleita é a seguinte: presidente, José Bonifácio Nogueira, São Paulo; primeiro vice-presidente José Bento Teixeira, Minas Gerais; segundo vice-presidente, Nelsy Soares, Rio Grande do Sul; terceiro vice-presidente, Jorge Loreta, Estado do Rio; quarto vice-presidente, Hilario Toledo, Paraná; secretário geral, Maximiliano Bagdocimo, Distrito Federal; primeiro secretário, Venancio Pessoa Lopes, Distrito Federal; segundo secretário, José Almir de Carvalho, Ceará; terceiro secretário, Argman Torres, Distrito Federal; tesoureiro, Domingos Pinto da Rocha, Distrito Federal.

O conceito de Enfermagem e o conceito de Enfermeira

A propósito de um artigo publicado no último número deste jornal, sob o título "Baile de Calouros", sentiram-se algumas alunas da Escola de Enfermagem, melindradas com certas referências aí contidas. Se de um lado, o referido articulista traduziu naquelas linhas o espírito ainda reinante por aí, no que diz respeito "às enfermeiras", de outro lado foi de encontro à frente de luta que se trava dentro do Hospital para derrubar esse mesmo espírito. O autor, naturalmente, não sabia desta luta e daí o justificarmos e o isentarmos de qualquer culpa.

Duas batalhas se desenrolam ante os nossos olhos, desde os tempos de estudante. Uma, em prol da implantação de uma "enfermagem eficiente", desenvolvida pelas autoridades do Hospital, a cargo da Sub-divisão de Enfermagem e solicitada, a cada passo, pelos médicos, sobretudo os jovens que já compreenderam a utilidade desta conquista. A outra luta procura uma reviravolta no "conceito da enfermeira", como pessoa — é ela determinada pela direção da Escola de Enfermagem, disputada pela quasi totalidade das alunas, porém, desacreditada por quasi todos.

Temos a impressão de que não será possível vitória alguma, se tanto as enfermeiras chefes como as alunas e as enfermeiras de outras categorias, não se compenetrarem, a um tempo, das suas funções, baseadas num conceito mais sadios, suas ações e sua conduta.

Se o primeiro encontro não foi vencido, isto é, se professores, médicos e estudantes ainda não se utilizam e não respeitam a Enfermagem do Hospital,

"in totum", é porque, a não ser a ação desenvolvida pelos auxiliares desse Serviço, não vêm nas funções das assim chamadas "enfermeiras chefes", puramente administrativas, algo que as possa impressionar; e, quando estas chefes, talvez deslocadas da sua esfera de ação, e meio-paranóicas, se entregam a mexericos, tolices e a qualquer tipo de espionagem, então, em vez de admiração e consideração, elas impõem, apenas decepção. Deve haver "enfermeiras-chefes", porém, mostrando sempre senso de responsabilidade, espírito de organização, capacidade de trabalho, lotes de compreensão e de colaboração tanto para com os médicos e estudantes como para os seus subordinados.

Apesar disso, o "conceito de enfermagem" no Hospital, melhora, e sua necessidade é cada vez mais evidente, embora longe ainda se esteja de uma eficiência máxima.

Quanto ao "conceito de enfermeira", pensamos que o progresso tenha sido menor.

Gerações passadas, de outros meios e de outras escolas, embora com exceções honrosas, deixaram como herança a estas moças, uma atmosfera pouco agradável. Como clarear tais horizontes? Eis o problema.

Nós vimos iniciar-se uma luta nesse sentido, na época em que penetrávamos neste Hospital como "estranhos". Sentimos o calor dessa investida e, algumas vezes chegámos a nos ver envolvidos nos acontecimentos. E então concluimos que o "conceito de enfermeira" que também nós trouxemos lá de fóra, aqui não vinha encontrar o mesmo eco. Mudámos de opinião



NOSSO RESTAURANTE

(Carta ao Ddo. J. C. Ferraz Salles)

Prezado colega:

A respeito do artigo sob o titulo acima, por V. S. publicado no numero passado de "O Bisturí", vimos com toda urgencia, para evitar possíveis enganos das pessoas menos avisadas, dar-lhe algumas explicações. O nobre amigo, como Ddo. que é, frequenta muito pouco o bar da escola e não poderia naturalmente conhecer de perto o seu funcionamento, fez muito bem pois em ir pedir informações aos seus illustres orientadores. Mas, creia Ddo. Salles, eles devem estar muito enganados, pois a coisa não vai indo como eles parecem ter idealizado. Todos nós sabemos que os alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, são os mais infelizes deste mundo. Não têm nada ou melhor, têm tudo e ao mesmo tempo não têm nada. Senão vejamos: têm um Hospital de Clínicas que não lhes pertence (ah! as enfermeiras!), têm uma sede nova do Centro a qual não podem frequentar, uma Revista a qual não podem colaborar, e mais essa agora, um BAR que tambem não lhes pertence. Sim caro colega, o novo BAR dos estudantes, é pura peta. Si um coitado quer almoçar, tem que reservar vale até as 10 horas; ora, o individuo vai para a aula e sae ao meio-dia. A essa hora os bondes, vão muito cheios então ele resolve perder amor a cinco cruzeiros e cinquenta e vai ao BAR. Chegando lá, tem uma desilusão: não há mais vales, almoçando comodamente estão funcionarios da Faculdade, assistentes, funcionarios do Instituto de Higiene, funcionarios do Adolfo Lutz etc., mas estudantes nenhum. Depois,

é, atualmente quando ressoa aos nossos ouvidos algum comentário sobre algum fato procedente ou não e que venha a prejudicar esta marcha já encetada, julgamo-nos sempre decepcionados.

Os comentários do articulista acima referido, sem intenção de magoar quem quer que seja, eu acredito são o reflexo exato do que se comenta.

Cabe a estas novas gerações de alunas, e ás que aqui vierem, completarem a obra já iniciada — não permitirem nenhuma perda no terreno conquistado. Só assim, todos os que aqui trabalham e vivem dentro do Hospital, pertencentes que são a todas as camadas sociais, poderão, dentro em pouco constituir em suas rodas, fontes de propaganda deste novo "conceito de enfermeira".

coitado então vendo que não há mais almoço resolve mastigar um sandwich. Então começa sua odisséia: primeiro entra na fila do vale, depois de cinco minutos caminha cinquenta metros, vai ao BAR e pede com bons modos: "Moçinha, faz favor me dá uma sandwich de queijo". Ah meu velho, aí a zinha estotra: "Agora espere, não sou sua criada, agora vou almoçar". Depois de muito custo afinal vem a tal sandwich. O sujeito come, resolve como bom brasileiro tomar um cafezinho. Pacientemente volta até a caixa, entra na fila tira o vale e volta ao BAR, discute com a moça do balcão que o obriga a tomar o cafezinho para lá um pouquinho de uma risca que tem na pedra de murmure do balcão. Tomando o café, tem vontade de fumar, então cai de novo á caixa, entra na fila, tira o vale, volta espera meia hora até ser servido, no fim perde a chamada do Cunha Mota e três pontos na nota no fim do semestre. Isso tudo não seria nada. Os preços do BAR infelizmente não estão á altura do bolso dos coitados "estudantes pobres". Francamente, no tempo do Luiz era mais barato, e o BAR estava aberto dia e noite. E agora, aos sabados fecha ao meio-dia, ouve-se desaforos das funcionarios, que se esquecem que o freguez tem sempre razão, não se pode falar alto, espera-se uma hora para tomar um cafezinho, é preciso chegar ás sete da manhã para reservar um almoço, e ainda a dietista anda dizendo que durante as eleições que estão proximas, o BAR permanecerá fechado. Ora essa! O BAR foi feito para os estudantes da Faculdade de Medicina. Si de fato os seus organizadores se guiaram pelo bar da Escola Politécnica, como um deles declarou a V. S. por que não obrigam a dietista que dá a orientação seguida naquele instituto? Talvez o meu amigo não saiba, mas na Escola Politécnica o BAR é dos alunos de fato. Basta que se diga que os alunos da Faculdade de Farmácia e Odontologia que lá iam repastar foram proibidos de fazê-lo, porque tomavam lugar dos estudantes da Escola. Isto parece-nos que deve ser. Demais, si o BAR é dos estudantes, eles é que devem orientá-lo, por seu órgão de classe. Afinal até quando vamos ser dirigidos?

Não se zangue caro amigo, vou terminar, reciba um forte abraço do colega.

José Caneta Junior
São Paulo, 12 de agosto de 1946.
Responsabilizo-me pela publicação sob pseudônimo.
C. CARICCHIO

A Caravana a Piracicaba - Recepção dos Estudantes da Escola Agrícola "Luiz de Queiroz" - Aspectos da cidade

Cidade grande, grande agradável cidade, espraia largamente o véu rendado de belezas, a "Noiva da Colina".

Alcança-se numa das extremidades o impressionante salto, ruído espumante que rola e se abate em pedras colossais para depois acalmar-se bruscamente.

Noutro extremo chega-se à Escola Agrícola "Luiz de Queiroz", imponente no seu prédio principal de colunas esculpidas, espalhada em meio ao vivo exalar da natureza verdejante que a rodeia.

Dignos de serem observados e admirados, quais flocos alvos esparsos de algodão, vistos à distancia são os gansos, as galinhas e os marrecos, esvoaçantes e barulhentos, nos cercados de arame. Avista-se dos arredores o prédio magnífico, à semelhança dos palácios atenienses, com suas colunas roliças, residência futura do diretor da Escola. Um belo gramado verde quasi aveludado serve de leito, nas tardes quentes ou mornas de verão, aos estudantes cansados das duras lides diárias.

Através de ruas alinhadas espalha-se a terra bonita, berço da formação profissional dos agrônomos paulistas.

Na praça central, tão diversa hoje daquele jardim de arvores seculares, daqueles bancos de madeira em penumbra gostosa, daquele chafariz alegre de água esguichante à distancia que existe há alguns anos, substituem-se bancos perfilados e terras arvores, tudo profundamente inundado de luz.

Vivendo em multiplas pensões e em repúblicas esparsas nas proximidades do centro da cidade, numa vida gostosa, calma e à vontade, nossos colegas de Piracicaba, com espirito grande de camaradagem, aguardavam a caravana dos estudantes de São Paulo. Esperavam-nos de braços abertos na visita de confraternização, realizada a 10 de Agosto p. p.

Traduzia-se festivamente o ambiente de recepção cordial de que fomos alvo.

Após os varios jogos que realizaram sob o mutuo respeito dos quadros, em

que os nossos esportistas se viram frente aos tipos afeitos à pratica costumeira de esportes, já as luzes da cidade davam o toque inicial daquela noite inesquecível.

Houve o footing costumeiro na praça que é o ponto central de Piracicaba, voltando continuamente, em sentidos opostos, as garotas e os rapazes. Na "soirée" dansante que é o ponto de reunião festivo de todos os Sabados da gente moça da velha e boa cidade, juntou-se a presença dos elementos integrantes da caravana de nossa Faculdade. Num ambiente que se a primorou pela elegancia e pela reciprocidade de cavaleiresco tratos, pode-se notar, ao lado do salão animado, no qual se dançava, grupos que palestravam animadamente.

Um dos membros da caravana recebeu o convite, extensivo a todos nós, para apreciação, na "Penitenciária", nome de uma república, de um show dotado de caracteres de marcante originalidade. Este foi, sem duvida, um dos mais palpitantes aspectos, manifestados de maneira nua e crua, que nos foi dado observar, da liberalidade da vida em república dos acadêmicos da Escola Luiz de Queiroz.

No Domingo de manhã, após a missa das 11, apreciou-se o footing no centro da cidade; os "flirts" das garotas, o silencio mando da situação e da terra piracicabana dos acadêmicos de agronomia.

Após uma tarde cheia de sol e quente, durante a qual comentávamos passagens jocosas da nossa estadia, dirigimo-nos para a estação local, onde mais uma vez a cordialidade e a camaradagem forma as armas com que nos feriram bem fundo os nossos amigos e colegas da "Noiva da Colina".

Na volta, no agradável restaurante do trem, Plirtz Nebó e sua "banda", e mais alguns elementos representativos do show de nossa escola, deram-nos demonstrações de suas "classes", num ruído repertorio de piadas improvisadas, provocando entre as pessoas presentes gargalhadas e palmas.

pelo dr. A. Prado, chefe daquele departamento, uma instrutiva preleção sobre as serpentes do Brasil.

Enquanto isto sucedia, o Longo tomava conta de um francês, rasgando o verbo com o mesmo, e dava gosto vê-lo a se desdobrar em sorrisos e muitos "oui" e "bien"...

Outro fato interessante é que logo na chegada, os membros da A.B.I. (Associação dos bebedores inveterados), tais como o Reinerio, Belmiro, Peixinho, Steffen e Cia., descobriram que havia um bar bem montado e com toda a sorte de *aguas* que eles apreciavam. Dizem que o estoque de cerveja, chopp, quinado vermouth se esgotaram...

Uma nota agradável dada ao passeio foi a presença de todas as "pequenas" da classe, sempre risonhas, solícitas e em apuros (as que usavam óculos) afim de evitar que fossem fotografadas com os respectivos... óculos.

Quando o ônibus se poz em movimento para "a viagem de volta", um forte "pic-pic" foi levantado ao pessoal do Instituto Butantan, glória da ciência brasileira, pondo fim pois a tão agradável e instrutivo passeio, que nos foi proporcionado pelo pessoal do Departamento de Parasitologia.

Gostamos muito, si bem que tivéssemos ficado "no prego", pois na aula de Farmaco, à tarde, a frequência foi reduzida... Parabens, Prof. Pessoa! Aguardamos mais visitas, pois nesta terra de Piratininga há grandes instituições científicas que muito nos orgulharia conhecer...

JOSE LEITE FERNANDES

EDITORA

RENASCENÇA S. A.

Vicente Lofrego

Sobrinho

VENDEDOR

Livraria:

Rua Marconi, 33
Telefone, 4-0744

São Paulo

Escritório:

Rua Marconi, 53 - 6.0
Telefone, 4-2128

São Paulo

Visita ao Butantan

São Paulo, 14 de agosto de 1946.

O encantado passeio ao Butantan, que tantas vezes fora marcado e adiado, finalmente, graças à boa vontade do Professor Samuel Pessoa, saiu desta vez.

Marcado para o dia 13 de Agosto (não foi sexta-feira), foi aguardado com grande interesse e ansiedade pelos alunos do 3.º ano, que deste modo iriam conhecer outras "serpentes", além das que com elas convivem aqui na Faculdade e principalmente fora dela.

O Alvaro Bastos, todo solícito e trabalhador, empregou todo o seu açúcar conseguiu da Prefeitura, um daqueles "formidáveis" (a expressão é por conta da Hedda) ônibus que o povo diz ser para turista passear e inglês ver...

Marcada a saída, do portão da Faculdade, para às 8.30 hs., consta que desde às 5 da manhã já existia uma fila de "espertos" à espera de lugares. Entre eles estava o Steffen (com o narizinho para o ar, à procura do Reinerio), o Federmann (que guardava dois lugares) e alguns outros que não puderam ser identificados.

Com o aproximar-se da hora da saída, o grupo ia aumentando e com ele a algazarra da turma, seguida de vários — "fora o sapo", — a alguns colegas de outras turmas que também pretendiam aproveitar o transporte gratis.

Finalmente, às 8.30 foi dado o sinal de partida e todos perceberam

(Reportagem para o "Bisturi") que o Alvaro iria fazer a viagem no carro do Professor Pessoa. Então, um "badalar" sonoro de sinos assinalou a partida.

No transcorrer da viagem, por varias vezes tentou-se cantar alguma coisa, o que resultou num fracasso completo, evidenciando-se então a grande falta que faz a existência de uma canção dos alunos, qualquer coisa bem viva e alegre, que se possa cantar em excursões e festas, além do conhecido "pic-pic".

Nesta questão tem a palavra o dr. Ória, que entendendo de música, poderia nos brindar com essa canção, que assim seria usada já nesta Mac-Med que se aproxima...

Por falar em "cantar", é bom lembrar que, si houve falta de agudos e sustentidos, o mesmo não sucedeu com certas "cantadas" em "dó" menor, acompanhadas de suspiros e outras *cositas* mais...

Chegando ao bellissimo jardim do Butantan, verificou-se então uma legião de fanáticos fotógrafos, que se espalharam por todos os cantos a "deformar" o fisico das vítimas que se sujeitavam à sua sanha "fotográfica".

Recebidos muito gentilmente pelo dr. Arantes, o digno diretor do Instituto, tivemos então oportunidade de visitar as diversas instalações da organização, onde nos eram prestadas as maiores informações. Na seção de animais venenosos foi ministrada

S o f r i m e n t o

"O homem pode considerar-se velho quando em vez de ter sonhos, vive de recordações".

E ele, coitado, era um misto de moço e velho; jovem na idade, quase senil pelas pungentes provações de sua triste vida; e ao mesmo tempo em que conseguia ter alguns belos sonhos, vivia antes de suas poucas recordações daquela que involuntariamente estragara sua vida.

E o pobre diabo sofria, e sofria muito, pelo amor sem limites que dera, sem receber nada por pagamento.

Num auto-sadismo, evocava as maravilhas daquela tão agradável tarde de domingo, as mais belas e alegres horas que até então desfrutara, uma felicidade que seu coração guardará até deixar de pulsar. Relembrar horas alegres que se foram e jamais voltarão; que agradável martírio.

Sonhava e recordava, recordava sonhava. Que mãozinhas macias; que rostinho lindo; que olhar doce; que sorriso de deixá-lo doente: como dançava bem, fazendo-o abstrair-se por completo de todo o meio ambiente.

Ele era assim torturado pela saudade, sim, pelo desejo da volta da vida ao passado.

Mas ela não o amou e ainda assim dominava por completo o romântico sonhador coração do jovem.

E o coitado não guardou rancores ou ressentimento, embora sofresse demais com o afastamento forçado e seu amor desesperado jamais fosse libertado de seu coração.

Quantos sonhos maravilhosos desfeitos em um colóquio; o jovem desejou ardentemente morrer, por vezes o implorou ao Todo-Poderoso.

Mas as recordações do contato daquela palma, jamais saíria daquele jovem cérebro envelhecido pela luta, como jamais morreria aquele amor intenso. Para lembrá-lo, era suficiente a luz da lua, ou o som de uma determinada música.

E o mal crônico, aquele amor sem cura, torturou-o sempre, até o tão ansiosamente esperado dia em que a morte o libertou de tanto sofrimento.

29-8-46.

L. A.

Jornada Médico-Sociais

Por iniciativa do Departamento de Medicina Social, organizou-se uma campanha educativa no sentido de ensinar ao nosso "caipira" algo sobre verminose, seus males e como evitá-los.

Além dos trabalhos, do acadêmico Manoel Munhoz, presidente do Departamento de Medicina Social, contamos com a valiosíssima colaboração do dr. Milton Siqueira, do Cinema Educativo, e do dr. Antunes, da Faculdade de Higiene e Saúde Pública.

Em fins de Agosto, dois acadêmicos foram à Araraquara preparar o ambiente e fazer um levantamento do nível cultural do trabalhador rural, trabalho que fizeram na Usina Tamoi e na Aldeia de Américo Brasiliense. Facilitaram enormemente os trabalhos, os altamente prestativos futuros nossos colegas de Araraquara,

em particular o dr. Péricles, ao qual hipotecamos nossa incondicional amizade e sinceros agradecimentos.

Uns 15 dias mais tarde, seguiu para o Município de Araraquara um grupo grande de acadêmicos da nossa escola, dirigidos por dr. Milton Siqueira.

O cinema educativo entrou em ação grandemente e nossos colegas fizeram preleções as melhores possíveis. Milhares de almas foram instruídas, nossos colegas trabalharam pelos patricios menos cultos.

A amabilidade dos hospedadores foi verdadeiramente indescritível.

Muito cansados por tão árduo trabalho, voltaram uma semana mais tarde, mas com uma grande satisfação: a campanha foi coroada do mais completo êxito.

TRAGÉDIA

Uma porção de atos e entreatos. E a história se repete desde o arruamento da costela de Adão.

E foi assim, num dia como qualquer outro da Paulicéia, frio e quente, úmido e seco, com vento e sem vento, com chuva e sol, com filas e sem pão, num recanto paradisíaco, onde pululavam entre as flôres multicôres graciosas e palhativas figurinhas da União Cultural Brasil-Estados Unidos, que eles se viram, se impressionaram, se gostaram, se cheiraram e...

Ele, jovem, alto, magro, moreno, simpático, de óculos de aros brancos, sem bigodes, estudante de medicina, de futuro risonho, escritor, amante da boa música (e das donas boas), amigo de peito do "Bajara" e sem o peito do Kurban, Moacyr, Gimênes e Mattar.

Ela: nascida a termo, desenvolvimento somatopsíquico normal, 1,55 mts. de altura, 48 Kgr de peso, Paulista de 400 anos, atualmente se encontra em perfeitas formas físicas, morais e intelectuais. Sabe ler, escrever, cozinhar, lavar roupa, concertar meias e pregar botões, aprecia muito as criancinhas, etc...

Os tolegas estão convidados para batizado do Americozinho, primeiro rebento desse feliz consórcio.

Cupido

FRASES CÉLEBRES

O reporter num "tour de force" incrível, no qual gastou seis anos de sua curta existência, conseguiu catalogar algumas frases célebres dos mestres e colegas. Agora, arranca-as do seu caderninho e as traz à público. Eilas:

Do Pupo: "Eu trago aos senhores a injunção de fatos inconcebíveis que servem de documentação de casos clínicos reais"

"O sífilítico é o mais mentiroso de todos os doentes"

"A sífilis vagueia por aí" (mostrando os alunos)

"O bom clínico, a... e... a... é... e... é aquele que não vacila, a... e... e... e... e... é... diante dos fatos reais"

Do Cerruti: "Estudem no livro do Floriano, eu estou citado lá"

Do Inácio: "A picadura no quarto ventrículo produz diabetes insípido"

Do Cotrim: "Eu badalo com genio e arte"

De alguns badalos: "O Tisi ficou comovido com a expontaniedade de nossa homenagem"

De uma colega: "O Zerbiné é o homem mais simpático deste mundo" (mas é, hein!)

De outra colega: "Como estudante de Medicina eu sou uma grande jornalista"

De outra colega ainda: "Eu sou a figurinha mais difícil desta escola". Do Locchi: "Móstre"

Do Alverto Portugá: "Ah, beta, cumu não sabemos as causas que influenciam a coagulação do sangue, vamos estudar com us sinhoires as causas que não influenciam na coagulação do sangue" (arame farpado, grifão um engraçado).

Do Kala-Azar: "O utero mesmo, é um órgão mesmo mesmo, de forma, mesmo mesmo mesmo mesmo mesmo piri forme mesmo mesmo mesmo mesmo..."

Do Milton Amaral: "A água é muito importante, já Camões se referia a ela no seu canto X, versículo XXII"

Do Lordy: "Ovo! uma óva!"

Do Zé Ramos: "A escola do Lemos Torres tem dois grandes continuadores: o Jairo e eu" (este se não fala pensa).

Do Veloso velho: "Ah que saudades do Bovero, Haberfeld, Arnaldo companhia bela"

Do Cunha Mota: "As nefrites também podem muita veis ser formada à vacuo"

Do Alipio: "Enquanto não mudar

Conferencias e noticias do H. C.

"é obstinada a ausência da enfermaria do Prof. Alípio no Hospital e do Prof. Montenegro na enfermaria."

"continúa patente inutilidade das enfermeiras-chefes como enfermeiras de verdade"

"O dr. Flavio passou a sentir-se mais aliviado com as notícias da próxima chegada do Prof. Godoi"

"continúa a atitude acolhedora do sr. Superintendente às visitas ilustres do Hospital, às vezes médicos estrangeiros, fazendo-os percorrer as instalações do nosocômio, acompanhados sempre de uma pessoa "bem entendida" como sejam os porteiros do 4.º e 5.º andares."

"...apesar de terem melhorado as condições de moradia, aí fora, as enfermeiras-chefes continuam "hospedadas" nos Hospital. As razões deste facto permanecem ocultas, pois o número de horas de seus "serviços" continúa absurdamente mínimo, relativamente. Elas repetem algo como aquele celebre aforisma das Irmãs Ferrarini: "Este hospital será sempre nosso hotel gratuito..." E os médicos e estudantes que continuam a dormir mal ou a não dormir... (as poltronas estão escaasseando...)

"continúa incompreensível a atitude solícita do sr. Superintendente para com os professores e gente importante, e suas "patadas" para com os "menores"... (Será "badalação de

com os estudantes médicos recém-chegados...?"

"Notificarse que dois aparelhos serão substituídos, em breve no Hospital: o Raio-X pelo olho das Enfermeiras-chefes e a tesoura pela suas linguas respectivas...)"

E, no entretanto, mundo gira, a Lusitana roda, e o Hospital funciona, apesar da Clarice e suas cúmplices, apesar das refeições, apesar do Superintendente e apesar da amizade do Vasconcelos pelo Aparício (e viceversa, é claro...)"

- EM TEMPO: — novas rodízios foram estabelecidos no internato para médicos internos no Hospital: eis-los:
- 1 — "semana da futrica, na Subdivisão de enfermagem."
 - 2 — "malabarismo" com o dr. Enéas.
 - 3 — "como diagnosticar anexite pela cor" com o porteiro do P. S.
 - 4 — "como badalar" pelo dr. P. Corrêia.
 - 5 — "raque, porém, sem cefaléia" como o dr. Reynaldo, e, por fim, "como ir buscar na Anatomia Patológica da Faculdade os "tubinhos" das anastomoses porto-cavas do Vasconcelos." (este curso é dado pela turma da 2.ª C. C.).

Imbecilidade fenilpiruvica

O seguinte caso foi extraído do caderninho de um nosso colega, que é membro emérito do club dos C. D. F. Trata-se, como se vê, de um caso realmente raro, talvez primeiro da literatura médica nacional. Antes de passarmos propriamente à observação é interessante lembrar em algumas linhas alguma coisa sobre esta afecção clínica, para isto, nos socorremos do FOCA'S BOOCK, ed. de 1945, onde encontramos à pág. 122 a seguinte definição: "Com este nome, IMBECILIDADE FENILPIRUVICA, foi escrito por Folling e Penrose, caso de um IMBECIL, em cuja urina foi encontrado o ácido fenilpiruvico..." (nota: os grifos correm por nossa conta).

De fato, a observação do nosso colega é muito interessante. Vamos transcrever-la tal como a encontramos no seu esbocado caderninho:

"Paciente do sexo masculino, aparentando 65 anos de idade, portanto mais da que diz ter. Facies purgativa, com certa semelhança com a de uma Foca. No habitus externo há notar apenas a extravagancia no trajajé, usando uma roupa diferente em cada hora do dia. Pele quente e seca."

Q.D.: Confa que há mais de vinte anos viu-se tomado por umas idéias extravagantes que fizeram com que se dedicasse unicamente a chatear os outros. Desde então se dedica a ma-

a enfermaria para o H.C. não dou aulas" (mas não dá, hein!).

Do Russo: "Para mim os metodos semiológicos são cinco: inspecção, palpação, percussão, ausculta e badalação"

Do Dnilio: "Eu sou o melhor presidente que o centro já teve"

Do Enéas: "Eu sou um grande amigo dos estudantes" (o Jorge que o diga).

Do Lacaz: "Isto que eu dou é que interessa, resto é galinhagem do Floriano"

Do Lucas: "As tricotomias totais eu aplico no caso de extrema burrice" (coitado dos calouros!).

VÃO BOBO

Os Mártires da Ciência

Poucos são aqueles que realmente se sacrificam pela ciência, que a poem acima de suas comodidades, de seu bem estar, de tudo que lhes agrada, em suma, os que nasceram para a Ciência.

Se bem que raros, graças a Deus alguns existem, e mesmo em nossa Faculdade, podemos encontrá-los.

Assim, se não ouresse um Isaías Raw, seria preciso inventá-lo, pois a Ciência precisa de indivíduos desse tipo, e assim chamado Cientista Desviado.

Em todos seus mínimos atos, pensamentos, etc., Isaías mostra que realmente tem complexo de cientista.

Bastante tocante foi sua atitude um dia no laboratório de Anatomia. Todos sabem que de há muito Isaías cede seus valios préstimos à química Brasileira, que alguns maudosos dizem ser badalação, mas estamos certos de ser única e exclusivamente ser seu já conhecido espírito de pesquisador.

Pois bem: por causa dessa influencia de Lavoisier, deu-se outro dia um facto por demais emocionante.

O Formol da Anatomia deve ser 10%. Mas há os espíritos pouco honestos que, por hipótese, poderiam ter adicionado água para maior rendimento, contra o que, rebelou-se o caríssimo colega Isaías.

Mas em condições assim pouco cômodas, quais sejam o laboratório de Anatomia, não se disponham de recursos de ordem química, o "Cientista Desviado" lançou mão do único processo possível: pegou o jornal com a mão e levou à boca.

Grande Isaías, seu futuro de cientista é o mais brilhante possível, não resta dúvida alguma, você realmente nasceu para a ciência, dou a você meu mais alto louvor.

O Amiga do Onca

O amor, sempre o amor...

São Paulo, 10 de agosto, de 1946.

Disse caipita do Omir: Amo porque quero amar; Do amor não posso fugir, Porisso vou namorar.

Sejam cinco da manhã, Meio dia, ou madrugada, Ele encontra a sua fã, E vão sentar na calçada.

Sempre estou apaixonado, Se é amor, deixem cá pra mim, Diz o Plínio entusiasmado Com a Geny cheguei ao fim.

Mas agora eu arranjei Uma preta oxigenada Que nunca mais deixarei, Bela Edí, minha adorada.

O Cori, gesto risonho, (Será que convem contar?) Uma noite teve um sonho: Era que ia se casar.

E os seus amigos, coitados A sua casa nunca iam, Estavam desapontados Pelo que dela diziam.

O Kurban, sempre gostoso, Foi dansar no Trianon; E voltou todo dengoso, Dizendo que estava bom.

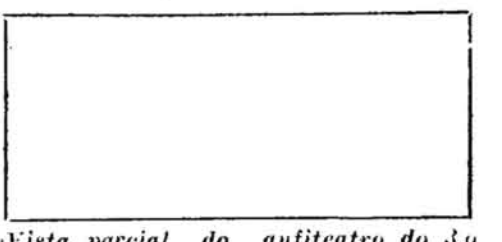
ao seu irmão perguntou: Que cheiro esse, o que é que ha? Ele cheirou e falou: É l'origan de gambá

Esta vida está pra mim, Diz o Aldred satisfeito Eu no amor vou até o fim Porem sou um bom sujeito

O diploma logo vem E não preciso estudar; A pequena ganha bem E já podemos casar.

VÃO BOBO

gisterio superior, mostrando-nos satisfeito, a fotografia abaixo tirada durante uma das suas costumeiras aulas semanais na Faculdade de Medicina de São Paulo.



Vista parcial do anfiteatro do 3.º ano da Faculdade de Medicina de S. Paulo, durante uma aula do Paciente. — Fotografia cedida gentilmente pelo paciente. — Explicação no texto.

H. P. M. A.: Sempre foi dado a idéias extravagantes, tendo mesmo em certa época, compilado pacientemente pelo metodo confuso, diversos artigos sobre nutrição de Revistas e livros estrangeiros, os quais deu à luz com o nome extravagante de FOCA'S BOOCK. Ultimamente, tendo piorado muito essas idéias, reproduziu as besteiras iniciais do seu primeiro livro numa nova edição corrigida, melhorada e ampliada.

Alarmado com a pequena accitação de sua obra que julga notavel, procurou diversos médicos que fizeram diversos diagnósticos. Finalmente, veio ter aos nossos serviços. Dada nossa grande prática e pela intensa dispnea do paciente, requeremos exame de urina o qual revelou em grande quantidade o ácido Fenilpiruvico. Fomos levados então ao diagnóstico de "

Como se vê pela observação do colega, trata-se de um caso perfeitamente diagnosticado, sendo o prognóstico naturalmente máu. Nós, por nossa parte, consultando os ultimos American Journals of qualquer coisa, chegamos à conclusão que o melhor tratamento será um repouso absoluto, abstendo-se por três lustros o paciente de dar aulas, "para bem de todos e felicidade geral da nação"